

# COLONIZAÇÃO PIONEIRA NO SUL DO BRASIL: O CASO DE TOLEDO, PARANÁ\*

Keith Derald Muller\*\*

## SUMARIO

- 1 — *Introdução*
- 2 — *Colonizadores e suas fazendas*
- 3 — *Estrutura e forma de ocupação*
- 4 — *Dimensão das propriedades em Toledo: I*
- 5 — *Dimensão das propriedades em Toledo: II*
- 6 — *Funções na colônia: vida econômica em Toledo*
- 7 — *Conclusão*
- 8 — *Bibliografia*

## 1 — INTRODUÇÃO

Até as últimas décadas, o interior da América do Sul permanecia desabitado. As tentativas de ocupação das regiões mais remotas foram dificultadas devido ao solo e clima, condições higiênicas deficitárias e

---

\* Esta transcrição foi revista pela Professora Maria Magdalena Vieira Pinto da Diretoria de Agropecuária, Geografia e Recursos Naturais (DAG) da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No original, o trabalho traz uma introdução do Professor Robert C. Eidt, da Universidade de Wisconsin-Milwaukee.

\*\* A escolha de Toledo como área de estudo em ocupação geográfica foi primeiramente feita em um seminário sobre a América Latina realizado na Universidade de Wisconsin-Milwaukee pelo Professor Robert C. Eidt em 1967. O autor tornou-se particularmente interessado em Toledo, pois representava uma área na "fronteira final" do sul do Brasil, e assim constituía um laboratório vivo dos padrões de desenvolvimento dentro de uma zona pioneira. A tese de Craig Dozier sobre a ocupação de terras no norte do Paraná, área cafeeira, *Norte do Paraná, Brasil: Ocupação e Desenvolvimento de Uma Zona de Fronteira*, Johns Hopkins University, 1954, e Kalervo Oberg em seu estudo *Toledo: Um Município na Fronteira Ocidental do Estado do*

difícil acesso. Hoje, no entanto, estes obstáculos são vencidos pela moderna medicina, melhores transportes e novas técnicas de agricultura e da ocupação das terras. Acrescenta-se a isso a elevação da demanda devido ao crescimento populacional. Por esta razão, grandes extensões de terra no interior da América do Sul estão sendo efetivamente povoadas.

### 1.1 — Ocupação pioneira no Brasil

O Brasil, que compreende aproximadamente a metade da América do Sul em população e área, passa pelo maior processo de colonização da América. A figura 1 mostra quatro zonas pioneiras principais<sup>1</sup>. O maior plano governamental de colonização está sendo tentado no sul do rio Amazonas (Zona 1), principalmente no Estado do Maranhão<sup>2</sup>. A zona pioneira de maior informação é a do Distrito Federal e de Brasília e dos Estados vizinhos de Goiás e Minas Gerais (Zona 2). A mudança da Capital para 700 quilômetros do Rio de Janeiro representa o esforço brasileiro no sentido de colonizar e desenvolver o interior do País (1954). As duas outras zonas de fronteira estão a oeste de Londrina, no noroeste do Paraná e sudoeste do Mato Grosso (Zona 3), e no sul do Brasil, oeste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e sudoeste do Paraná (Zona 4). As zonas 3 e 4 formam a "frente pioneira" do oeste do Paraná, e unem-se as regiões pioneiras do nordeste da Argentina, leste do Paraguai e as planícies no leste da Bolívia formando uma nova e extensa região no coração do Continente.

---

Paraná, Rio de Janeiro, 1957, estimularam na tomada de decisão em seguir com este tópico e área para pesquisa no campo.

Durante minha primeira visita ao Brasil, de maio de 1968 a julho de 1969, aprendi português e viajei para o Paraná. Fui capaz de me manter ensinando inglês no Instituto de Idiomas Yázigi em São Paulo. Em um trabalho de campo mais profundo em Toledo, Rio de Janeiro e Curitiba no verão de 1970, possibilitou-me coletar os materiais necessários para este estudo. Os mapas foram preparados por Miss Marion Zirbel, do Serviço de Cartografia da Universidade de Wisconsin-Milwaukee, sob a direção do Professor James J. Flannery.

Gostaria de expressar meus agradecimentos especiais a Mario Hiraoka, Universidade de Wisconsin-Milwaukee, que conseguiu hospedar-me com seus pais em São Paulo, Sr. e Sra. Michio Hiraoka, e a amigos pessoais no Brasil que muito me auxiliaram: Lydia Menescal, Diretora da Biblioteca do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário, e Sr. Nelson Pimenta, do Rio de Janeiro; Dr. Luiz Fernandes Lima e Sr. Renato Mello, de São Paulo; e Sr. Lloyd Strachan de Maringá, Paraná. Sou muito grato à cooperação do Dr. Nilo Bernardes, Presidente do Instituto Pan Americano de Geografia e História. Aos numerosos funcionários e habitantes de Toledo, tantos que me impossibilita citá-los; no entanto os de maior assistência seriam: Dr. Wilson, Vice-Prefeito e diretor do Colégio Luther King; Sr. Antelmo Diel, Secretário do Prefeito; Dr. Pedrinho Furlan, Sadia; Sr. Angelo Costamilan, Companhia de Terras Maripá; e Sr. Antônio Dewes, Escritório Técnico da Maripá.

Agradecimentos especiais ao Professor Robert C. Eidt, Universidade de Wisconsin-Milwaukee, que incentivou-me a escolher Toledo como tema de minha tese e que pacientemente guiou-me na transformação de minhas pesquisas de campo em escrito. Por seus conselhos pessoais e amizade, assim como assistência incalculável através de seu conhecimento de geografia ocupacional e uma área similar nas proximidades (*Colonização Pioneira do Nordeste da Argentina, Madison*, 1971). Agradecimentos também à valiosa ajuda do Dr. César Caviedes, Dr. Myrvin Christopherson e Mr. Robert Wierman.

Finalmente, este trabalho é dedicado a meus pais e minha irmã mais nova.

Agosto, 1973 — Keith Derald Muller.

<sup>1</sup> Ver Chardon, *Bibliografia*, 7, p. 168-71. Chardon identificou as três principais "franjas" pioneiras no Brasil. Ele considerou as *core áreas* 2 e 3 como uma franja contínua.

<sup>2</sup> Artigo sobre a reforma agrária no Brasil, *Peruvian Times* de 13 de agosto de 1971, p. 7.

## 1.2 — A área de pesquisa

A área estudada é a do Município<sup>3</sup> de Toledo na frente pioneira do interior da América do Sul (Figura 1). Toledo é uma grande área de ocupação com numerosas fazendas individuais isoladas e grupos de co-

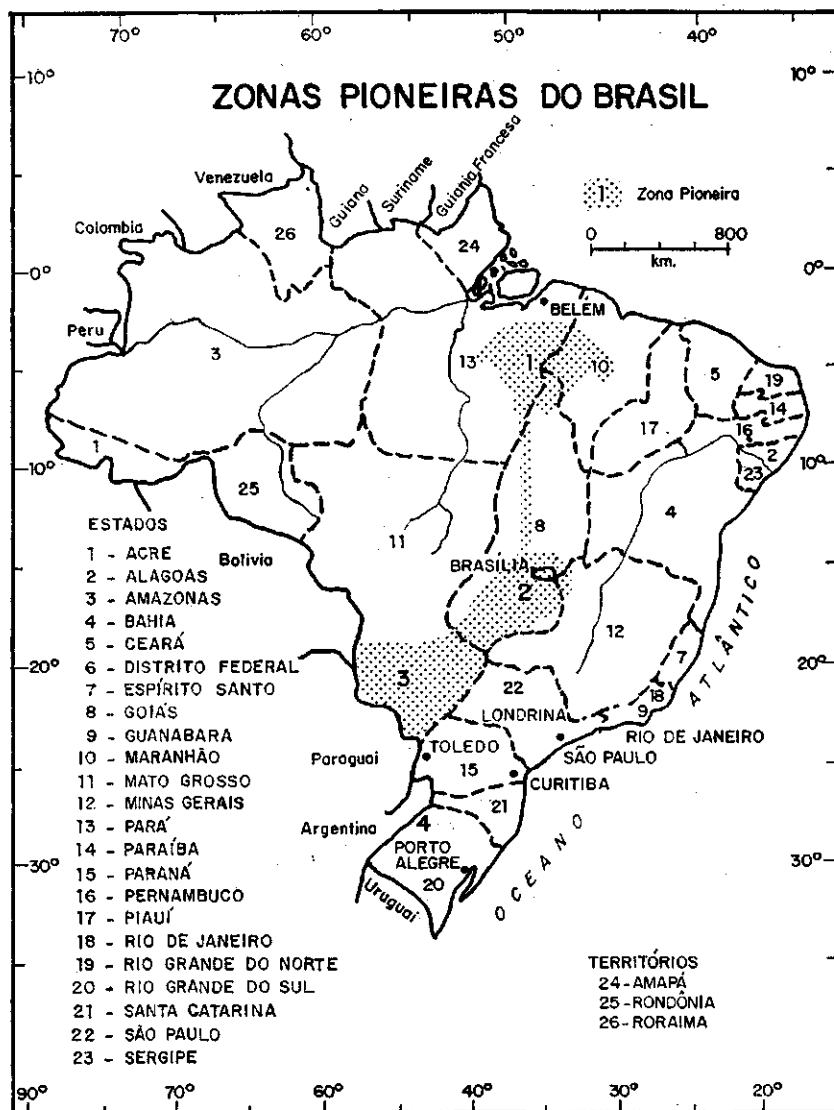


FIGURA 1

<sup>3</sup> Toledo tornou-se Município em 1951 quando se separou de Cascável. Um município é a menor unidade administrativa do Brasil. Como centro urbano, alcança significativo crescimento e influência, em sua condição de município. Conseqüentemente, num pioneiro Estado como o Paraná, muitos novos municípios são criados; por exemplo, entre 1950 e 1960 o número cresceu de 80 para 162. Marechal Cândido Rondon e Palotina separaram-se de Toledo em 1960. A despeito disso e de outras mudanças semelhantes, a área de Toledo permaneceu quase a mesma: em 1951 Toledo tinha 2.080 km<sup>2</sup>; e em 1961, 2.190 km<sup>2</sup> e em 1967 tinha 2.092 km<sup>2</sup>. Desta forma, análises comparativas dos dados são, pelo menos temporariamente, viáveis. Como o centro (sede) do Município tem o mesmo nome do Município inteiro, referimos ao centro urbano de Toledo como Cidade de Toledo.

lonização, sendo 80% bem planejados. A essência do planejamento em Toledo é mais característica nas regiões de colonização dos arredores de Londrina, no norte do Paraná, que é bem conhecida pela produção de café e pelos numerosos estudos de campo ali realizados<sup>4</sup>. Em contraste, milho e suínos constituem a base econômica de Toledo, e poucos são os estudos sobre a região, e nenhum por geógrafo<sup>5</sup>. Oberg<sup>6</sup>, antropologista, escreveu em 1956 sobre o início da formação de Toledo e enfatizou o desenvolvimento da comunidade no único estudo substancial do projeto. Portanto, 1970 nos pareceu propício para um novo estudo, principalmente porque Toledo parecia passar por um rápido processo de mudanças. Hoje, novos estágios de desenvolvimento, uma série de diferentes tipos de ocupação, e uma crescente integração vertical da economia agrícola da região podem ser observados. O objetivo desta análise geográfica de Toledo é a colonização: posição, distribuição, forma e estrutura, dimensão, segundo a origem, função e desenvolvimento.

A evolução do moderno projeto de colonização de Toledo é examinada em sete capítulos. O primeiro, trata da população e da história da ocupação e do meio físico. O Capítulo 2 descreve os colonizadores e suas fazendas. Os Capítulos 3 a 7 analisam o papel do planejamento inicial, o tipo de estabelecimento, tamanho da fazenda, funções, e as características principais das modernas colônias pioneiras. A análise das ocupações pioneiras planejadas não somente acrescentará alguma coisa ao pouco conhecimento sobre a ocupação nas terras na América Latina, mas permitirá, também, uma análise das tendências impostas pela moderna tecnologia. Além disso, este estudo pode ser comparado com a avaliação anterior de Oberg e a área pode ser examinada em vários estágios de colonização que surgiram durante os 20 anos de existência de Toledo. Assim, como um laboratório vivo de experiências sobre a colonização pioneira é entregue para estudos.

### 1.3 — Crescimento populacional no Paraná

O crescimento populacional indica a importância da colonização no relativamente desabitado Estado do Paraná. Por exemplo, houve um acréscimo de 5.500.000 habitantes entre 1940 e 1970, uma taxa de crescimento populacional de 445% (Tabela 1). Os acréscimos ocorreram principalmente nas regiões agrícolas no norte e oeste do Paraná (Figura 2). A área do café, da famosa Companhia de Terras do Norte do Paraná, (*North Paraná Land Company*) foi aberta à colonização planejada na década de 30 e sua população desde então cresceu em aproximadamente 2.500.000<sup>7</sup>. Por comparação, a ocupação no oeste do Paraná foi, muito mais, espontânea e desorganizada e calcula-se o crescimento da população em cerca de 2.000.000 habitantes desde 1950<sup>8</sup>.

<sup>4</sup> Ver na Bibliografia os números 3, 5, 6, 10, 11, 19, 20, 22, 23, 31.

<sup>5</sup> Toledo está incluído no estudo de oito municípios confinantes, feito por Alberto Elfes (Bibliografia, 15).

<sup>6</sup> Ver Oberg, Bibliografia, 24.

<sup>7</sup> Nicholls, Bibliografia, 22, p. 49.

<sup>8</sup> Idem, p. 53.

TABELA 1

DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO NO ESTADO DO  
PARANÁ — 1940-1970

ANOS	DESENVOLVIMENTO DA POPULAÇÃO
1940 (1) .....	1 236 276
1950 (1) .....	2 115 547
1960 (1) .....	4 227 763
1965 (2) .....	5 844 000
1970 (3) .....	6 737 000

^ Anuário Estatístico do Brasil (Bibliografia, 1). (2) Estimativa Nicholls (Bibliografia, 22), p.36. (3) Estimativa Dickenson (Bibliografia, 9), p.60.

## 1.4 — Migração no oeste do Paraná

A migração em larga escala para o Paraná teve início no final da década de 30, procedente das regiões cafeeiras adjacentes de São Paulo. Os proprietários paulistas de plantações, verificando a redução da fertilidade do solo, começaram a investir em empresas comerciais e industriais, de modo que trabalhadores experientes foram liberados.

Estas pessoas, luso-brasileiras, isto é, de descendência portuguesa, partiram para o Paraná e estabeleceram arrendamentos familiares em vez de plantações, primeiramente no norte do Estado. Desde 1950, um fluxo excessivo de colonizadores desta região migrou para o Mato Grosso do Sul e oeste do Paraná (Figura 2) onde fazendas e plantações familiares foram estabelecidas.

O fluxo migratório sulino composto principalmente de pessoas descendentes de alemães e italianos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul veio para o oeste do Paraná, estimulado pelas famílias numerosas e pelos solos exauridos. Muitos destes pioneiros estabeleceram-se no sudoeste do Paraná, o que causou muitos problemas com posseiros e minifundiários<sup>9</sup>. Por conseguinte, dois fluxos migratórios da "frente pioneira" do Paraná convergiram para o oeste deste Estado.

Em meio à migração no oeste do Paraná, a colônia de Toledo permanece única nos padrões de colonização e condições econômicas, diferentes das áreas vizinhas que também desenvolvem-se. O projeto de colonização, cuidadosamente planejado e executado em Toledo, contrasta enormemente com os projetos de outras partes do oeste do Paraná, onde a colonização foi minimamente planejada e completamente espontânea. As variações de colonização entre Toledo e outras regiões são verificadas nas paisagens. Mais obviamente em Toledo, assim como em outras regiões com colonização planejada, dominam o tipo de ocupação linear em forma de longos lotes.

<sup>9</sup> O minifundiário é o responsável pelas pequenas e anti-econômicas fazendas de exploração.

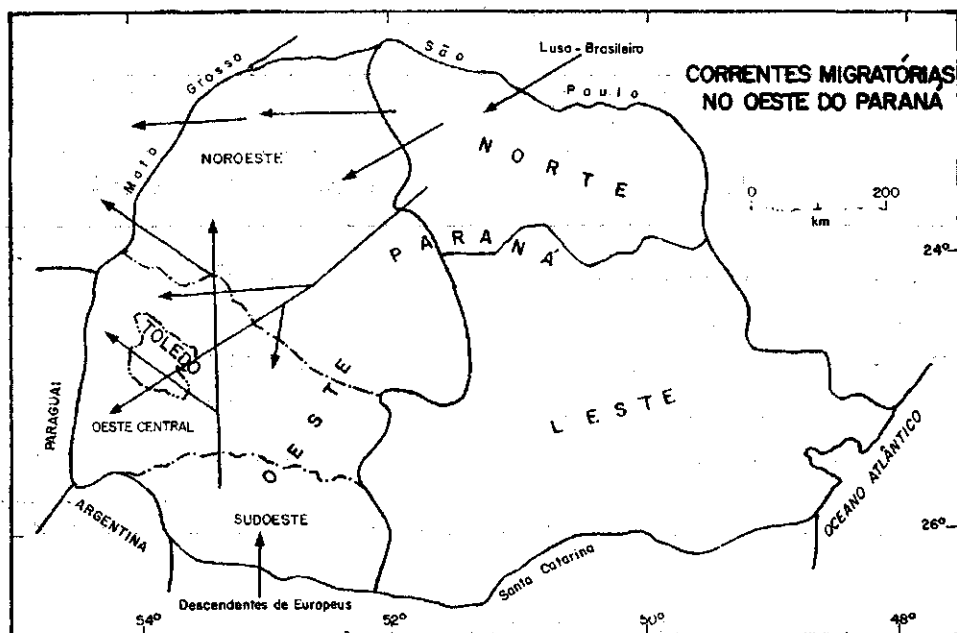


FIGURA 2

### 1.5 — Introdução dos longos lotes

A organização dos longos lotes como a maior forma de ocupação no Brasil contrasta com o Damero<sup>10</sup> ou quarteirão, forma de ocupação que domina as zonas urbanas e em algumas zonas rurais da paisagem da América Latina Espanhola<sup>11</sup>. O desenvolvimento colonial português no Brasil resultou em padrões de ocupação menos estruturados. Embora a conquista da terra fosse freqüentemente desorganizada, o sistema de longos lotes foi, em alguns casos, estabelecido inicialmente; é, portanto, uma tradição antiga no Brasil.

Os primeiros ocupantes adotaram esta forma de faixas que permitiu que todos tivessem acesso à água, particularmente ao longo do rio Amazonas, São Francisco, Salitre e outros rios<sup>12</sup>. Quando os imigrantes europeus foram oficialmente convidados a se estabelecerem no sul do Brasil em 1824, o sistema de longos lotes foi introduzido pelos colonos alemães<sup>13</sup>. Em 1875, o mesmo sistema foi implantado no nordeste do Brasil ao longo da estrada de ferro de Belém a Bragança, no Estado do Pará<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> Para a discussão do longo lote no Brasil, ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 163-5.

<sup>11</sup> Na geografia de ocupação a expressão "formas de colonização de longo lote" referem-se ambas as formas de ocupação total bem como as formas individuais de exploração. O mesmo é verdadeiro para a expressão "Damero" ou forma de ocupação em quadrado. Em outras palavras a extensão total das acomodações e da estrutura das moradias que aparecem na paisagem, bem como morfologia da estrutura individual, podem ambas se referir à forma de povoamento. O termo povoamento é assim empregado em vários sentidos para descrever tanto a moradia padronizada, como individual. Somente com a leitura do texto onde a expressão é usada, será apreendido exatamente o seu sentido.

<sup>12</sup> Ver Lynn Smith, *Bibliografia*, 17, p. 259 e *Bibliografia*, 18, p. 50.

<sup>13</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 8.

<sup>14</sup> Ver Penteado, *Bibliografia*, 25, p. 68-98.

Durante a década de 30, o sistema de longos lotes foi adotado no norte do Paraná<sup>15</sup>. Conseqüentemente, o sistema foi aceito como ideal para Toledo.

### 1.6 — A fundação de Toledo

A ocupação e desenvolvimento de Toledo foi iniciado pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. (*The Paraná River Colonization and Lumber Company*), de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Esta companhia privada de desenvolvimento da terra, popularmente conhecida como *MARIPÁ LAND COMPANY* (MLC), foi formada para obter benefícios através da venda de madeira e terra, bem como partilhar do subsequente desenvolvimento econômico da região. Uma extensão de 2.900 km<sup>2</sup>, conhecida como *Fazenda Britânia* (Figura 3), foi comprada por uma companhia madeireira britânica com sede em Buenos Aires,

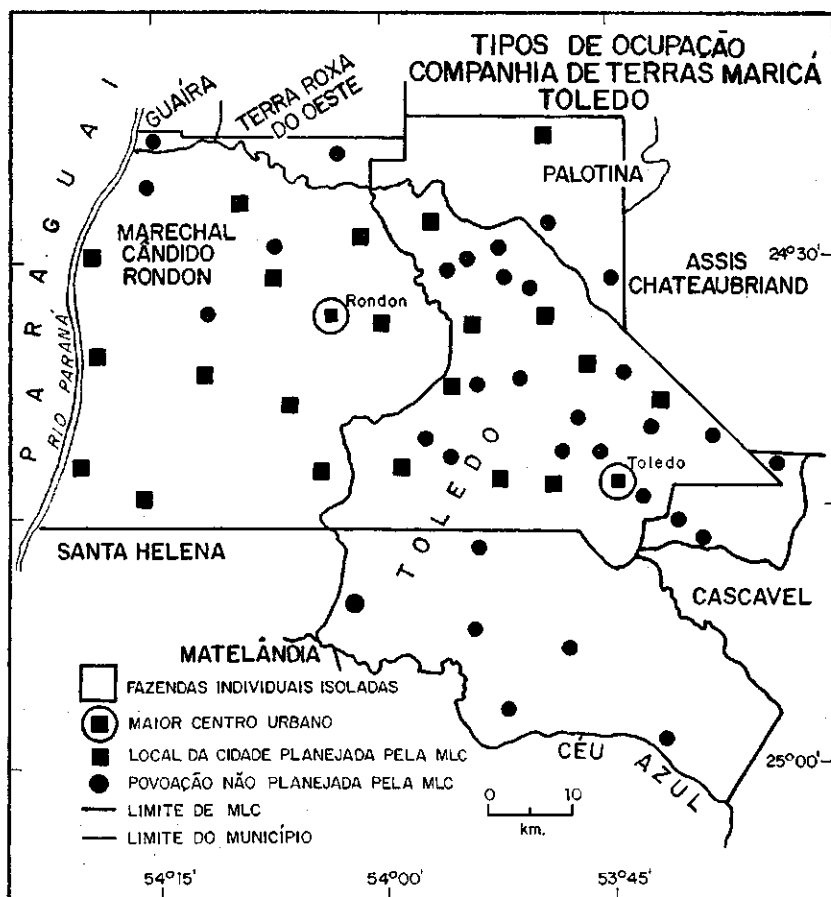


FIGURA 3

<sup>15</sup> Ver Doizer, *Bibliografia*, 10, p. 318-33.

denominada *Maderas del Alto Paraná*. A companhia britânica estabeleceu o Porto Britania para o transporte de madeira e para embarcar erva-mate em um pequeno barco a vapor pelo rio Paraná até Buenos Aires. A legislação restringindo a propriedade estrangeira de terra no Brasil durante o início da década de 40 forçou a venda da Fazenda Britânia. Em 1946, Porto Britania estava abandonado e somente 200 pessoas permaneciam em Porto Mendes para comercializar erva-mate entre Mato Grosso e Argentina. Porto Mendes serviu como o terminal sul de uma ferrovia de 19 milhas ao longo do rio Paraná que passava por Sete Quedas e o desfiladeiro abaixo. Não existiam estradas na Fazenda Britânia, mas havia uma linha telegráfica entre Cascavel e Porto Mendes. O primeiro caminhão de carga da Maripá penetrou na área ao longo desta linha em 1946. Eram necessários nove dias de viagem para ir de Cascavel ao pequeno Arroio Toledo, perfazendo 40 quilômetros. Um acampamento de madeira e uma serraria foram estabelecidos e a atual Cidade de Toledo foi fundada neste local<sup>16</sup>. Basicamente o Município de Toledo surgiu em torno deste isocentro. As fronteiras ao norte permanecem dentro das terras de Maripá; ao sul, as antigas terras do Estado. Portanto, duas zonas agrícolas de origens diferentes, função e desenvolvimento, são envolvidas.

### 1.7 — Posição de Toledo

Toledo foi estabelecido no oeste do Paraná devido ao clima subtropical úmido, solo geralmente fértil, e acesso por estradas a outras bem sucedidas áreas de colonização no sul do Brasil. Outras vantagens físicas foram a topografia levemente inclinada e o sistema de drenagem bem integrado.

O clima subtropical úmido, com altas médias anuais de temperatura (23°C)<sup>17</sup> e a precipitação abundante (11.600 mm)<sup>18</sup>, são fatores favoráveis a agricultura. As geadas anuais impedem a produção do café, e isso associado às amplas<sup>19</sup> propriedades, influenciaram o estabelecimento de propriedades de pequeno e médio porte em Toledo. O clima é CWA de acordo com o sistema Koppen<sup>20</sup>, com uma precipitação significativamente menor em julho e agosto (Tabela 2). No entanto, a chuva pode ser considerada adequada pois a estação mais seca ocorre durante os meses de menos sol quando a evaporação é menor. Este período relativamente mais seco, deve beneficiar as novas tentativas de expandir a produção de trigo, que é plantado como cultivo intermediário<sup>21</sup>.

<sup>16</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 19.

<sup>17</sup> Ver Elfes, *Bibliografia*, 15, p. 10.

<sup>18</sup> Ver Simões, *Bibliografia*, 29, p. 127.

<sup>19</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 59.

<sup>20</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 13, p. 71-2.

<sup>21</sup> Entrevista com o Diretor do Banco do Brasil em Toledo, Nilton A. C. Arruda, em 03-08-1970. Arruda calcula que cerca de 19.000 hectares de trigo que foi plantado em 1970-71 contra 7.000 hectares em 1969-70 nos quatro Municípios de Toledo, Palotina, Marechal Cândido Rondon e Assis Chateaubriand.



TABELA 2

PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA TOTAL EM PORTO MENDES NO MUNICÍPIO DE TOLEDO <sup>1</sup>

MESES	PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA TOTAL (mm)	MESES	PRECIPITAÇÃO PLUVIOMÉTRICA TOTAL (mm)
Janeiro .....	145	Julho .....	85
Fevereiro .....	155	Agosto .....	65
Março .....	160	Setembro .....	130
Abril .....	120	Outubro .....	150
Maior .....	155	Novembro .....	155
Junho .....	110	Dezembro .....	155
		Janeiro/Dezembro .....	1 585

(1) Simões (Bibliografia, 29), p.129.

Dados confiáveis de chuvas são precários. No entanto, os colonizadores afirmam que os "períodos de seca" ocorrem normalmente nos períodos mais úmidos e o rendimento das safras é seriamente afetado. O rigor destes "períodos de seca" seriam maiores se não houvesse fortes orvalhos que adicionam cerca de 12% à precipitação anual <sup>22</sup>.

O intemperismo da lava básica do planalto paranaense é constituído de solo profundo, poroso e fértil, denominado terra roxa, que cobre cerca de 60% do Paraná <sup>23</sup>. Leves variações deste tipo de solo ocorrem em Toledo. Embora 2/3 da parte ocidental do Município tenham um subtipo de terra roxa denominado Trapp <sup>24</sup>, 1/3 da parte oriental é de certa forma arenosa <sup>25</sup>. Apesar da fertilidade relativamente alta do solo de terra roxa, quando as florestas são removidas o solo perde rapidamente sua fertilidade a menos que medidas de prevenção sejam empregadas.

Devido a rede de drenagem uniforme e da topografia levemente ondulada, as distâncias separando os ribeirões raramente ultrapassam 3 quilômetros. O relevo local geralmente não excede a 60 metros. A média do grau de inclinação é de 6%, não excedendo a 12% <sup>26</sup>, e muitos interflúvios estão em níveis muito próximos. A leve inclinação permitirá no futuro o uso da mecanização, e tornará fácil a tarefa de construção de estradas. A construção de pontes tem sido mínima, visto que os rios são relativamente estreitos. Por esta razão, o local é adequado ao sistema de longos lotes, pois este método estabelece a cada proprietário o acesso à água e à estrada, bem como, uma justa distribuição de solo e declives.

<sup>22</sup> Ver Eldt, Bibliografia, 14, p. 12.

<sup>23</sup> Ver Backer, Bibliografia, 2, p. 75-8.

<sup>24</sup> Ver Eldt, Bibliografia, 14, p. 221.

<sup>25</sup> Segundo esboço de mapa preparado pelo Governo Municipal de Toledo.

<sup>26</sup> Dados compilados pelo autor de um mapa topográfico de Toledo, realizado pela Diretoria do Serviço Geográfico, Ministério da Guerra, Brasil, levantado em 1955 e editado em 1957.

## 2 — COLONIZADORES E SUAS FAZENDAS

O tipo de ocupação mais numerosa em Toledo é certamente a de fazendas individuais isoladas. A Maripá selecionou, primeiramente, colonizadores de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que eram da segunda, terceira ou quarta geração de descendentes de alemães e italianos. A seleção foi um elemento importante nesta colonização pioneira. Grupos menores de descendentes de japoneses e poloneses, também estabeleceram-se em Toledo. Logo após os limites da Maripá e nos municípios vizinhos há luso-brasileiros que se diferenciam grandemente dos colonos da Maripá. As diferenças e influências dos vários grupos de colonizadores refletem-se também nos tipos de colônias. Para ilustrar este ponto, várias fazendas são descritas, comparadas e contrastadas a seguir.

### 2.1 — Seleção dos colonos

Os descendentes de italianos e alemães, selecionados pela Maripá para colonizar Toledo, tinham tido experiência em pequenas fazendas mistas no sul do Brasil. A Maripá não desejava ter grandes fazendas de monoculturas, nem extremamente pequenas somente para subsistência, como por exemplo, minifúndios ou agricultura camponesa, ambos são sistemas agrícolas tradicionais no Brasil. Este grupo foi a escolha mais lógica para construir uma economia regional forte envolvendo a produção agrícola, serviços e indústrias. A Maripá poderia então esperar lucros a longo prazo assim como a curto prazo, com a venda das terras.

Os planejadores poderiam também ter trazido, diretamente da Europa, pioneiros com experiência em fazendas de médio porte. Os imigrantes europeus freqüentemente têm capital e conhecimento das modernas técnicas de agricultura. Mas foi considerado que a adaptação para aqueles imigrantes seria muito grande e dificilmente os europeus seriam atraídos em uma região pouco familiar, virgem e subtropical, onde o rápido crescimento era a meta principal. Por outro lado, os descendentes de europeus de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul eram pessoas experientes, que poderiam ajustar-se mais facilmente às condições do Paraná e foram prontamente atraídas para Toledo. Suas famílias tinham experiência de até 145 anos no sul do Brasil: estavam acostumadas a fazendas familiares de pequeno porte, e eram conhecidas por seu trabalho árduo e econômico, exercido na lavoura, como meio de vida <sup>27</sup>.

Não foi usada publicidade para atrair os colonos, e os aventureiros e especuladores de terra foram evitados. Mais precisamente, a Companhia recrutou os fazendeiros mais eminentes assim como pequenos comerciantes para estabelecer um núcleo estável para troca e transporte de mercadorias. Os primeiros fazendeiros limpavam rapidamente a terra e iniciaram a produção agrícola. Esperava-se que os primeiros colonizadores estimulassem outros fazendeiros a fazer o mesmo. O plano da Companhia era de que os bons pioneiros recrutassem outros, seguin-

<sup>27</sup> O plano básico de colonização foi inscrito por Ondy Hello Niedarauer, Diretor Comercial, e aprovado por Willy Barth e Egon Werner Bercht, Diretores da MLC. Junho, 1955. Veja também Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 19-30.

do a teoria de que a qualidade atrai qualidade. Os colonizadores subseqüentes confiariam e respeitariam os exemplos fixados pelos pioneiros. Além disso, os erros dos primeiros estágios de colonização poderiam ser identificados e evitados pelos colonizadores seguintes, enquanto que os feitos melhores dos primeiros colonizadores seriam preservados. A técnica de formação de áreas pioneiras com o testemunho da eficiência de colonos de origem semelhante, foi altamente importante para o sucesso de Toledo. Assim, os colonos freqüentemente ajudavam-se na construção das próprias casas e aconselhavam outros pioneiros em questões de empresas cooperativistas.

O fato da Maripá ter restringido a escolha de seus colonos a grupos culturalmente homogêneos é altamente significativo. Muitos problemas podem ocorrer nos projetos de colonização que não fazem seleção de pessoas de origens culturais semelhantes. Embora as diferenças sociais possam não ser visíveis durante a limpeza inicial da terra, o progresso é muito mais rápido em zonas pioneiras onde as pessoas são culturalmente homogêneas do que em locais de grupos mistos. Isso é compreensível, pois as pessoas de mesma origem têm confiança entre si e trabalham juntas mais facilmente. Inicialmente, a cooperação informal acelera a construção de casas, estradas, escolas e hospitais, compra de equipamentos, e venda das colheitas. Posteriormente, as colônias homogêneas formam cooperativas convencionais. Em Toledo, a semelhança cultural uniu-se ao sucesso das cooperativas formadas principalmente por descendentes alemães, assunto que será discutido no Capítulo 6.

A falta de confiança mútua, como verifica-se em colônias culturalmente mistas, pode ser nociva ao desenvolvimento planejado. Eidt<sup>28</sup> sugere que 30% de associação cultural pode ser uma taxa muito alta para um crescimento eficiente, e que é mais prudente formar colônias separadas com pessoas de origem semelhante. Isto é mais importante em uma área de mata densa que demanda soluções especializadas de seus problemas. Exemplos de colônias culturalmente mistas na Venezuela mostraram que os pioneiros partem até mesmo para a violência como solução para suas diferenças<sup>29</sup>.

Embora não existam estatísticas disponíveis que permitam uma análise da composição cultural de Toledo em comparação com outras áreas, alguns dados gerais indicam quais as principais diferenças. Por exemplo, as informações de campo sugerem que a composição étnica dos pioneiros de Toledo e três municípios adjacentes é de mais de 75% de alemães e italianos<sup>30</sup>. Em Toledo, somente a porcentagem de descendentes de alemães e de italianos é mais alta do que nos quatro municípios combinados; 85% dos colonizadores de Toledo nasceram no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, como revela a pesquisa feita em 1956<sup>31</sup>. A pesquisa mostrou que 53% dos sobrenomes das famílias eram alemães, 20% italianos, 19,3% portugueses, 5,2% eslavos e 2,5% espanhóis<sup>32</sup>.

Pioneiros de cultura mais variada são encontrados em municípios vizinhos de Toledo (Tabela 3). São, na maioria, dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, e do nordeste semi-árido do Bra-

<sup>28</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 115.

<sup>29</sup> Ver Gómez, *Bibliografia*, 16, p. 265-7.

<sup>30</sup> Ver Elfes, *Bibliografia*, 15, p. 29.

<sup>31</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 36.

<sup>32</sup> *Idem*.

sil<sup>33</sup>. Estes trabalhadores rurais, ou antigos arrendatários de fazendas, viviam na região cafeeira de São Paulo e norte do Paraná, viviam geralmente em estabelecimentos isolados, com pouco ou nenhum capital, praticando agricultura de subsistência, e adquirindo terras pela primeira vez em suas vidas. Conseqüentemente, nestes municípios a agricultura de subsistência e os minifúndios prevaleceram, a cooperação é mínima, e o padrão de vida baixo.

TABELA 3

**DISTRIBUIÇÃO DOS COLONIZADORES DE TOLEDO E MUNICÍPIOS VIZINHOS, SEGUNDO A ORIGEM**

ORIGEM	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONIZADORES (%)	ORIGEM	DISTRIBUIÇÃO DOS COLONIZADORES (%)
<b>TOTAL</b> .....	100,0	Nordeste.....	37,3
Sul (1) .....	3,6	Descendentes de japoneses .....	4,2
Paraná (2) .....	6,5	Descendentes de italianos.....	9,0
Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo .....	33,0	Descendentes de alemães.....	6,4

NOTA — Os Municípios vizinhos são os de Guaíra, Terra Roxa, Assis Chateaubriand, Formosa do Oeste e Nova Aurora.

(1) Sem origem conhecida. (2) Exceto o Município de Toledo.

A Maripá de fato escolheu colonos de origem até certo modo diferentes, selecionando descendentes, tanto dos alemães como dos italianos. Mas estes grupos já viviam por muito anos em áreas separadas mas complementares no sul do Brasil e ocuparam as terras da Maripá em áreas relativamente separadas de acordo com sua experiência anterior. Além disso, grupos menores de japoneses (33 famílias)<sup>34</sup> e colonos poloneses formaram colônias homogêneas separadas, mas sempre em justaposição com os outros grupos. Apesar da existência de vários grupos culturais, as características de unidades individuais, geralmente permaneceram unidas; portanto a confiança e a segurança mútuas, originadas em grupos culturalmente conexos, são mantidas.

Um aspecto de semelhança cultural que estabelece confiança mútua e segurança aos colonos é a presença de parentes próximos. Em Toledo, como demonstra uma amostra casual de duas subdivisões das terras da Maripá, chamadas perímetros, aproximadamente 40% dos proprietários têm parentes vivendo nas proximidades (Tabela 4).

<sup>33</sup> Ver Elfes, Bibliografia, 15, p. 13-4.

<sup>34</sup> Entrevista com o fazendeiro Massagi Sato, em 4 de agosto de 1970.

TABELA 4

**DISTRIBUIÇÃO DOS PROPRIETÁRIOS E SOBRENOME DAS  
FAMÍLIAS EM DUAS SUBDIVISÕES DAS TERRAS DO MUNICÍPIO  
DE TOLEDO, SEGUNDO O GRAU DE RELACIONAMENTO**

GRAU DE RELACIONAMENTO	DADOS NUMÉRICOS		
	Total	Subdivisões das terras	
		Perímetro 1	Perímetro 30
Proprietário.....	98	63	35
Proprietários aparentados			
Números absolutos.....	38	29	9
Números relativos (%) .....	38,8	46,0	25,7
Sobrenome das famílias .....	59	31	28
Sobrenome entre proprietários aparentados .....	12	8	4

Poder-se-ia suspeitar que este alto grau de relacionamento entre os colonos possa ser resultado de subdivisões das propriedades devido a prática da herança. No entanto, as pesquisas de campo mostram que a subdivisão de propriedades por herança não é comum. Por exemplo, mesmo na colônia mais antiga de Toledo, perímetro 1, tais casos não ocorreram entre os 29 dos 63 proprietários que possuem parentes no perímetro<sup>35</sup>. É mais comum os filhos comprarem suas próprias terras, geralmente em região diferente, e dar início a sua família e fazenda. Portanto, o alto número de parentescos em Toledo não é resultado de práticas de herança, mas da vinda de pioneiros aparentados do sul do Brasil e que desejavam estabelecer-se perto dos outros.

Apesar da homogeneidade entre os colonos de Toledo, algumas diferenças são sensíveis. A descrição de fazendas individuais mostra a variedade de colonos e ocupações. Para este propósito, dados de nove fazendas representativas foram obtidos (Tabela 5). As fazendas de número 1 a 4 pertencem a descendentes de italianos e um alemão do sul do Brasil, as fazendas de número 5 a 8 pertencem a descendentes de camponeses, e a fazenda número 9 é de propriedade de um imigrante, vindo diretamente da Alemanha, sendo esta a maior e mais progressiva em Toledo<sup>36</sup>.

<sup>35</sup> A venda dos lotes de MLC começou em 1948.

<sup>36</sup> A entrevista pessoal com os colonos ocorreu entre 29 de julho a 14 de agosto de 1970.

TABELA 5

**DADOS GERAIS, POR TIPO DE FAZENDAS MODELO DO MUNICÍPIO DE TOLEDO**

INFORMAÇÕES	DADOS GERAIS, POR TIPO DE FAZENDA								
	Individual isolada								Da ocupação em grupo (exemplo alemão 9)
	Exemplos italianos			Exemplo alemão	Exemplos japoneses				
	1	2	3		5	6	7	8	
<b>Famílias</b>									
Ano de chegada.....	1 954	1 969	1 967	1 966	1 959	1 980	1 957	1 961	1 956
Número de filhos.....	13	6	—	—	4	4	13	2	2
Idade.....	56	50	32	—	31	33	62	31	—
<b>Área, por utilização das terras (ha)</b>									
Total.....	27,5	13,0	15,0	27,0	96,0	27,5	64,0	62,5	404,0
Mata.....	7,5	0,5	5,0	2,0	21,5	9,5	14,5	17,0	150,0
Clareira.....	12,5	9,0	8,0	10,0	38,5	29,0	29,0	17,0	—
Mecanização.....	—	—	—	—	24,0	—	14,5	13,5	—
Pasto.....	7,5	2,5	2,0	15,0	12,0	—	—	—	—
<b>Produção agrícola (saco de 60 kg)</b>									
Milho.....	400,0	—	8,0	12,0	12,0	4,0	pouco	5,0	20,0
Soja.....	40,0	20,0	3,0	—	2,0	7,0	7,0	5,0	20,0
Trigo.....	30,0	—	pouco	5,0	17,0	—	10,0	10,0	130,0
Arroz.....	15,0	—	—	—	7,0	5,0	8,0	1,0	—
Feijão.....	100,0	—	pouco	—	—	5,0	pouco	1,0	—
Café.....	—	pouco	—	—	—	9,0	17,0	—	—
Mandioca.....	—	—	pouco	—	—	—	—	—	—
<b>Criação de animais (cabeças)</b>									
Suínos.....	100	30	44	40	220	casa	casa	casa	500
Gado.....	25	4	8	26	12	—	—	—	300

## 2.2 — Tipo de fazenda individual isolada: exemplos italianos

João Sandri (n.º 1) veio para Toledo em 1949, viveu em outra fazenda até 1954, e então mudou-se para a propriedade atual, que está localizada no perímetro 1, a área de colonização mais antiga do Município. A fazenda com sua estrutura domiciliar triangular está localizada na nascente de um rio. O vinhedo reflete a herança italiana do sul do Brasil. A quantidade de pasto e o número de cabeças de gado estão ambos acima da média de Toledo. Dois hectares do lote original foram vendidos, pois Sandri “considerava o lote maior do que necessário” para sua família, e também porque precisava de algum dinheiro. Esta atitude com relação a lotes de 25 hectares é típica de muitos colonizadores em Toledo. Entretanto, o aparentemente baixo padrão de vida, e o fato de que as fazendas de pequeno porte limita o uso de modernas técnicas em Toledo sugere que fazendas como a de Sandri são muito pequenas ao invés de muito grandes.

A produção agrícola de Sandri é verificada na tabela 5. O gado inclui cinco bois, oito vacas leiteiras, quatro bezerros e oito cabeças de gado de corte. A maior parte do leite é consumida em casa, embora pequenas quantidades sejam vendidas em vilas a 2 quilômetros de distância. Cerca de 120 frangos são vendidos anualmente, e alguns são consumidos em casa. O milho e a soja são utilizados na alimentação de

porcos, enquanto a mandioca é dada aos porcos ou transformada em farinha para o consumo próprio. O feijão e o arroz são consumidos em sua casa.

Embora os filhos de muitas famílias em Toledo dêem grande valor à educação, os filhos de Sandri completaram somente os quatro anos necessários de escolaridade. A família é constituída de 13 filhos, quatro rapazes e nove moças, a mais velha com 30 e a mais nova com três anos. Uma família grande, mesmo em Toledo, onde a média é de seis a oito filhos.

Carlos Bassos (n.º 2) veio para Toledo em 1969. A família vive em uma casa de madeira de quatro quartos localizada perto de um rio. Das seis crianças, dois rapazes partiram para a zona pioneira do Mato Grosso para trabalhar como mecânicos. Dos 13 hectares (que é a metade do lote original da Maripá) somente 0,5 hectare continuam com mata, o resto é plantado ou usado como pasto. A produção total da fazenda reflete a ocupação recente: 30 porcos, quatro cabeças de gado, um saco de semente de trigo plantado, 20 sacos de soja produzidos, milho somente para porcos, um pouco de arroz e feijão para consumo próprio, assim como uvas e mandioca.

A ocupação da fazenda Galute (n.º 3) é singular, pois dois irmãos, Angelo e Antonio, vieram para Toledo em 1967, para se estabelecer em um lote que foi comprado dez anos antes por seu pai. José, o mais velho dos Galute, morava no Rio Grande do Sul quando comprou as terras e mudou-se para Santa Catarina, mas nunca veio ao Paraná. Embora isto não seja típico, não é incomum entre os fazendeiros alemães e italianos do sul do Brasil comprarem terras para seus filhos em diferentes partes do Brasil. A terra é disponível e relativamente barata, como tem sido o caso de Toledo até os últimos anos.

Após chegarem em Toledo, os irmãos Galute subdividiram a terra em duas fazendas separadas. O sistema de longo lote foi mantido, subdividindo o lote original longitudinalmente, e cada fazenda mantendo o acesso ao rio. Além disso, as fazendas estão somente separadas cerca de 50 metros, pois os longos lotes formam ápices que se encontram nos rios.

Em 1970, os Galute estavam em suas fazendas apenas há três anos. A casa é típica dos primeiros colonos: uma estrutura simples de madeira com dois compartimentos, com telhado pontudo, com entrada para a água. A fazenda Galute tem características que denotam avançados estágios de desenvolvimento. Por exemplo: um depósito alimentador rudimentar para ração do gado, construído nos primeiros meses da ocupação e que agora está destruído. Foi construído um telhado de madeira corrediço, unido a postes roliços. Por outro lado, foi construído, recentemente, um grande chiqueiro de madeira lisa, com telhas, e pintado. O fato do chiqueiro estar pintado, e não a casa da família, não significa que os porcos sejam "reis" em Toledo. Os campos também demonstram o estágio de desenvolvimento: 5 dos 15 hectares de terra permanecem com mata; troncos e tocos permanecem em áreas ainda por limpar e quase não há cercas. Os dados acima indicam que a fazenda Galute ainda se encontra no estágio inicial de ocupação.

### 2.3 — Tipo de fazenda individual isolada: exemplo alemão

Emílio Sauner (n.º 4) veio para Toledo em 1951, com seu pai, e em 1966 mudou-se para o lote atual, para começar sua própria família. Uma casa de madeira com telhado pontudo foi construída perto do rio. Somente 2 dos 27 hectares iniciais continuam com mata. Sauner chegou a ter mais de 200 porcos em um ano, embora em 1970 ele tivesse apenas 40, devido aos preços desfavoráveis. Cinco hectares produzem 600 sacas de milho. Somente um pouco de leite é produzido das 26 cabeças de gado, e é consumido em casa. Sauner comprou, "para o futuro", na cidade, quatro lotes urbanos para seus filhos. Isto demonstra que os pais têm aspirações específicas para seus filhos e os mesmos não objetivam atividades agrícolas. Muitos fazendeiros acreditam que suas fazendas são pequenas demais para prover seus filhos.

### 2.4 — Tipos de fazenda individual isolada: exemplos japoneses

Os descendentes de imigrantes japoneses são encontrados em todo o Brasil, embora se localizem principalmente em São Paulo e no norte do Paraná. Existem 33 famílias japonesas em Toledo, o que constitui menos de 1% do total da população. Com exceção de um grupo de quatro famílias, cada família veio a Toledo, separadamente. Quatro fazendeiros não aparentados foram entrevistados (Tabela 5, famílias de números 5 a 8). É significativo o fato de que três deles tenham tomado a iniciativa de mecanização, assunto muito discutido em Toledo, mas que realmente poucos fazendeiros tinham iniciado.

Massagi Sato (n.º 5) é conhecido como um dos fazendeiros mais progressistas da região. Sua propriedade constitui-se de três lotes originais da Maripá, totalizando 96 hectares. A família de Sato constitui-se da esposa, quatro filhos, o avô, e dois irmãos solteiros de 22 e 24 anos que trabalham em tempo integral na fazenda e comparecem, à noite, à escola de segundo grau.

Na tentativa de aplicar os modernos métodos de agricultura, Sato limpou 24 hectares para mecanização e planeja limpar outros 60 hectares nos próximos cinco anos, para ter uma fazenda totalmente mecanizada. Atualmente ele possui um trator, uma *pick-up*, uma pequena ceifadeira e debulhadeira para trigo e soja, um arado de duplo-disco, e uma grade de 24 discos. Seus planos para o futuro são de comprar uma grade de 12 discos.

Durante os primeiros três anos de colonização, os Satos moravam em uma simples casa de madeira, com teto pontudo, localizada no centro de sua propriedade, um lugar pouco comum para a construção de um poço. A atual casa de cinco quartos também foi construída de madeira, mas é muito mais sólida. Esta, contrasta com as casas dos municípios próximos de Toledo, onde quase todas as moradias rurais são feitas de madeira; tijolos e pedras são raramente encontrados<sup>37</sup>.

As construções fora de casa também indicam o progresso da atividade agrícola e uma relativa prosperidade. Há uma grande casa de má-

<sup>37</sup> Ver Elfes, *Bibliografia*, 15, p. 20.



quinas com duas garagens anexas para o *pick-up* e o trator. Os suínos são mantidos em dois modernos e grandes chiqueiros; o milho é estocado em construções. Um pomar com laranjeiras e pessegueiros também existe na colônia.

A fazenda Sato é abastecida de água por um poço. Uma bomba a gasolina conduz a água para um tanque elevado. Esta água é usada pela família e fornecida aos suínos; o gado bebe água diretamente no rio.

Visto que a fazenda não possui um gerador e serviço elétrico, Sato planeja produzir eletricidade do rio. Uma das fazendas japonesas tentou produzir energia elétrica através de um moinho de vento, porém o processo mostrou-se ineficiente e foi abandonado. Há um projeto para eletrificação rural de aproximadamente 15% das propriedades rurais no Município vizinho de Marechal Cândido Rondon, mas os planos para Toledo são para um futuro mais distante<sup>38</sup>.

O chefe da família Sumizawa (n.º 6), Chodí, tem 30 anos, é casado e tem quatro filhos. Seus pais também moram na fazenda, assim como três irmãos solteiros de 21, 24 e 27 anos. Estes irmãos provavelmente deixarão a fazenda quando se casarem. Sumizawa sente que a fazenda de 27,5 hectares é muito pequena para subdivisões entre os irmãos ou para mecanização.

A família Kinzo Ishida (n.º 7) foi uma das duas primeiras famílias japonesas a se estabelecer na zona rural de Toledo, em 1957. Os 13 filhos da família têm idade que variam de 36 a 10 anos. A fazenda Ishida encontra-se em processo de completa mecanização. Em 1968, os 50 hectares iniciais foram aumentados para 64 hectares a fim de facilitar a mecanização. A fazenda tem um trator e um jipe. A casa também foi aumentada, para abrigar a grande família. Embora hoje tenham um poço, nos primeiros anos da ocupação a água era retirada do rio, perto de onde se localizava a casa.

Os japoneses de Toledo demonstraram a exequibilidade de mecanização e a importância do tamanho da fazenda. Por várias razões, a mecanização não é encarada seriamente pela maioria dos colonos da área, portanto a tendência é para as pequenas propriedades<sup>39</sup>. A análise acima, de duas das três famílias japonesas, mostra a importância de se ter uma propriedade grande, maior do que os 25 hectares iniciais dos lotes da Maripá, se a mecanização for implantada.

Como se verifica acima, Sumizawa (n.º 6) considera a mecanização impossível, pois sua fazenda de 27,5 hectares é pequena demais.

Takeshi Takano (n.º 8) pensa em mecanização e sua fazenda de 62,5 hectares é suficientemente grande. Mas não se sente capaz para tal empreendimento. O pai de Takano, que morreu recentemente, fez uma compra inicial de dois lotes para seus filhos. Isto mostra a preocupação em assegurar terra suficiente para uso futuro de seus filhos e descendentes e permitir uma possível mecanização. Takano divide sua fazenda com seu irmão solteiro de 25 anos e, devido ao senso de previsão

<sup>38</sup> Idem, p. 19.

<sup>39</sup> Ver seções 3 e 4 deste trabalho.

de seu pai, poderá dividir a fazenda com o irmão quando este casar. No entanto, após a subdivisão a mecanização se tornará impraticável.

Sato (n.º 5) e Ishida (n.º 7) estão no processo de mecanização, e ambos possuem mais de 50 hectares, Sato quase 100 hectares. Ishida admite que sem uma adição de terra aos seus atuais 64,5 hectares, não terá suporte suficiente para seus filhos quando estes casarem.

Além dos vários tamanhos da fazenda, os japoneses têm uma série de tipos e tamanhos de casas que são únicos em Toledo. Por exemplo: as casas japonesas têm teto de ponta, mas com variações próprias. Uma casa mais nova tem um telhado sobreposto, ou "*koshi-oremune*". A casa mais velha tem um telhado de duas águas com uma varanda aberta. Uma casa tem um "espigão sobre espigão", ou "*futamune dzukuri*"; um telhado de quatro águas, ou "*genkan*"; ou uma choupana sobreposta com telhado de pico, ou "*sashikake yane*". Todas estas formas são bem conhecidas no moderno Japão. Além do mais, todas as casas possuem uma variedade de construções anexas, alguns construídos sobre a casa anterior e outros em estruturas separadas. No caso dos Ishida (n.º 7), a casa velha é usada como cozinha e quarto, enquanto que a nova serve de sala de estar e quartos.

A maioria das fazendas isoladas que servem como exemplo situam-se nas beiras do rio, ou de estradas ou onde os poços forem disponíveis. Em ambos os casos, as casas estão a uma média de 100 metros uma da outra, e tomam a forma linear que é característica na maioria dos municípios.

Em alguns casos onde os sítios são construídos mais próximos devido aos agrupamentos nos arredores do rio, onde há a subdivisão dos lotes, a forma de ocupação modifica e torna-se do tipo de pequenos grupos. Não há, no entanto, nenhuma função administrativa entre estas ocupações, o que as tornariam diferentes das fazendas do tipo individual isoladas.

Em qualquer caso, ocorre "autêntico" grupo de colonização.

## 2.5 — Tipo de fazenda de ocupação em grupo: exemplo de um imigrante alemão

Esenberg (n.º 9), o fazendeiro de maior sucesso em Toledo, é um imigrante alemão. Alguns imigrantes do Velho Mundo estabeleceram-se na região, e quando Esenberg chegou em 1956, as pessoas nascidas na Alemanha constituíam menos de 3% da população total de Toledo e todos os nascidos em outros países<sup>40</sup> constituíam menos de 4%. Muitos deles moravam no sul do Brasil, vindo posteriormente para Toledo.

Esenberg adquiriu inicialmente 11 lotes anexos da Maripá, totalizando 282 hectares. A propriedade foi aumentada para 404 hectares com compras adicionais de terras anexas. Isto foi possível, pois muitos fazendeiros vizinhos abandonaram o plantio de café, depois das primeiras tentativas, e assim precisavam de menos terras.

Esenberg mecanizou sua fazenda oito anos antes de todos os outros colonizadores. Seu maquinário inclui um trator, um arado de disco, uma plantadeira, e uma ceifadeira-debulhadeira importada da Tchecoslováquia.

<sup>40</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 36.

Outro fato notável na fazenda Esenberg é que a área de floresta restante está localizada perto do rio. Esenberg construiu um poço e instalou uma bomba elétrica; portanto, o rio não é importante para a localização de sua fazenda. As construções estão localizadas no centro da propriedade para facilitar o transporte e a comunicação na fazenda. Os 112 hectares comprados, posteriormente, são separados da propriedade inicial, somente por uma estrada. Nesta terra é plantado pasto ou a floresta é conservada devido a distância da casa da fazenda, e também devido ao pequeno porte do campo para uma mecanização de larga escala, como é praticada por Esenberg.

A fazenda de Esenberg é única em Toledo. Representa somente uma fazenda como as outras, porém constitui um grupo auto-suficiente de colonização. As características mais notáveis são as casas para 15 famílias de trabalhadores, alinhadas a aproximadamente 150 metros da casa do proprietário. A cada família é dado 0,5 hectare para o plantio de culturas de subsistência e espera-se o trabalho, em troca. Anexas às casas dos trabalhadores existem as casas de máquinas, raramente vistas em Toledo; uma casa para hóspedes e uma piscina, características excepcionais nas fazendas do Município.

Também, fora do comum em Toledo, na fazenda de Esenberg, é de certa forma uma tradicional fazenda brasileira, isto é, a propriedade é grande e as famílias moram e trabalham na propriedade. No entanto, a fazenda difere da brasileira, antes de tudo por sua monumental economia diversificada. Por esta razão, Esenberg opera uma fazenda quase européia ou norte americana, com exceção do fato da família morar e trabalhar na propriedade.

A produção de gado da colheita da fazenda Esenberg é, também, atípica. O trigo para semente é a sua especialidade, o milho é produzido para alimentar de 400 a 500 porcos criados anualmente; a soja também é produzida; há também 300 cabeças de gado alimentados com o pasto e milho. Os planos de expansão incluem a duplicação da área de plantio. A maior parte da terra para isso virá das áreas ainda cobertas de mata, e não da compra de mais terras. A área ainda coberta com mata é de aproximadamente 150 hectares.

Além de dirigir sua fazenda, Esenberg é muito ativo na organização de uma cooperativa. Ele só não se tornou o líder porque sente que os outros membros venham a depender excessivamente de sua liderança e assim não adquiram confiança e independência própria. Além disso, Esenberg participa ativamente na política estadual e viaja muitíssimo, indo à Europa a cada dois anos. A nova cooperativa recebeu um empréstimo do governo na Alemanha Ocidental, graças principalmente à sua influência. Esenberg apóia as escolas locais, pois considera a educação a chave do desenvolvimento futuro. Seu exemplo será mais benéfico quando alguns fazendeiros, de grandes habilidades pessoais, se unirem em grandes grupos homogêneos na formação da colônia além fronteira.

## 2.6 — Conclusão

Estas observações sobre alguns fazendeiros e suas propriedades mostram que a política de seleção dos colonizadores pode afetar a evolução de certos tipos de colonização.

A política da Maripá foi de atrair pessoas de descendência alemã e italiana do sul do Brasil. Estas pessoas tinham a reputação de laboriosos e perseverantes trabalhadores, e poderiam se adaptar às difíceis condições do pioneirismo. A seleção de colonos culturalmente homogêneos, proporcionou uma atmosfera de confiança e segurança mútuas de estímulo ao rápido e harmonioso desenvolvimento de Toledo. Mais além, descendentes japoneses e imigrantes alemães tiveram permissão para se estabelecerem em Toledo, e isto permitiu a permuta de tecnologias agrícolas com os outros.

Fazendas de uma só família, cada um, proprietário individual da terra, são os tipos predominantes de colônias que têm se desenvolvido. São separadas por intervalos de 50 a 300 metros ao longo do rio ou de estradas, e com isso as construções criam um padrão linear. Mais de 90% das ocupações em Toledo são deste tipo. Ocasionalmente, pequenos grupos de colonos ou vilas de cinco a 15 fazendas também ocorrem, dispersas por toda a colônia. Estas vilas resultam da subdivisão longitudinal das propriedades normais de 25 hectares pela venda ou para localização da fazenda perto do rio para que todos tenham água disponível. Somente uma autêntica ocupação de grupo ocorre em Toledo, na qual um grande proprietário de terras, Esenberg, tem sua própria casa na fazenda junto com um grupo de colônias para trabalhadores.

As análises de campo dos núcleos coloniais, discutidas acima, revelam que seus vários estágios de desenvolvimento são visíveis em Toledo. Durante os primeiros cinco anos de ocupação, o maior tempo é gasto com a limpeza da terra, plantio de milho e mandioca, com a criação de alguns porcos, vacas e frangos. Há algumas hortas com legumes. O Estágio Inicial é também representado pelo tipo de moradia: primeiro um barracão, depois uma casa vertical de madeira natural e de telhado pontudo. Esta primeira fase de pioneirismo pode ser designada de Estágio Inicial (zero — seis meses).

Estágio Original (seis meses — três anos), tem além da casa rústica de madeira do primeiro estágio, anexos temporários, como um tosco chiqueiro, um alimentador de gado e proteção para milho. Arroz, feijão e batatas são plantadas, e uvas, se o colono é de origem italiana. Cerca de 50% da terra já foi preparada. Laranjas, pêssegos e bananas começam a nascer. Cercas de estacas são construídas.

Quando cerca de 75% da área está limpa, o Estágio Intermediário (dois — dez anos) é alcançado. Durante este ano são melhoradas as edificações na casa velha ou é construída uma nova. Um grande chiqueiro novo e bem construído, substitui o anterior. As cercas são melhoradas e freqüentemente se usa o arame farpado. As colheitas comerciais e o gado tornam-se de importância crescente, substituindo a inicial e quase agricultura de subsistência.

No Estágio Avançado (dez — vinte anos) a casa e os anexos alcançaram o nível máximo de crescimento. A área está completamente limpa, com exceção de pequenas áreas que são mantidas, como lenha, madeira e combustível. Somente alguns troncos decompostos permanecem nos campos. A fazenda Esenberg é a única que poderia ser classificada neste estágio, e mesmo assim, lá existe terra que ainda não está limpa. O movimento rápido de um estágio para outro tem sido possível, por-

que Esenberg tem o capital para o maquinário e pode contratar trabalhadores assalariados.

Quando um fazendeiro não avança de um estágio para outro nos períodos de tempo designados, pode ser considerado em Estágio de Estagnação. O processo de pioneirismo poderia ser alterado caso um novo elemento fosse introduzido, como o esgotamento do solo ou se as fazendas fossem designadas, exclusivamente, para a criação de gado. É notável que os colonos passem para estágios mais avançados mais rapidamente em Toledo, do que os colonos de outros municípios vizinhos. Uma indicação de que, em média, melhores colonos estão envolvidos. De fato, as fazendas fora de Toledo frequentemente passam pela estagnação no Estágio Inicial ou Intermediário.

Os tipos dominantes de ocupação em Toledo, ocupações em linha com fazendas individuais e ocupação de pequenos grupos, devem persistir. No entanto, as mudanças na utilização da terra estão ocorrendo, o que trará características mistas de ocupação de regiões agrícolas mais avançadas. A elevação do preço das terras induzirá os colonos menos bem sucedidos a venderem suas terras, e mudarem-se para outras zonas pioneiras. Este fenômeno resultará em um desenvolvimento futuro, quanto ao tamanho das fazendas. O tipo de ocupação em grupo, provavelmente substituirá alguns tipos individuais de ocupação, porque os trabalhadores viverão nas fazendas dos grandes proprietários.

### **3 — ESTRUTURA E FORMA DE OCUPAÇÃO**

Estudos de ocupações pioneiras, geralmente, requerem o exame das características das aberturas de terra, planejadas e não planejadas, e seus efeitos sobre a forma e estrutura da ocupação. Neste capítulo, o termo "ocupação pioneira" se referirá genericamente ao processo completo de uma nova abertura de terra. Dois subtipos ocorrem em Toledo e na área vizinha: não planejado (espontâneo) e planejado (de colonização). Neste capítulo, será dado ênfase aos efeitos da colonização na forma de ocupação e estrutura, embora a ocupação espontânea também seja examinada, pois ela ocorre em Toledo, e é muito importante no oeste do Paraná, tanto, que a morfologia e abertura de terra nesta região podem ser dominadas por ela.

#### **3.1 — A ocupação não planejada**

Ela está dispersa nas áreas vizinhas de Toledo, no sul do Município e por quase toda América Latina. Pode-se pensar que a ocupação pioneira tem a vantagem de ser implantada mais rapidamente, e com custos mínimos. Mas esta compensação é contrabalançada pelas sérias desvantagens nas disputas de terras, nos minifúndios e na inadequada administração das terras.

Um exemplo de ocupação pioneira espontânea, ocorre numa área de 24 municípios no sudoeste do Paraná, estendendo-se desde a fronteira de Santa Catarina em direção ao norte do rio Iguaçu, aproximadamente 75 quilômetros de Toledo (Figura 2). Ali, numerosas disputas de terra resultam em conflitos armados, o que levou o Governo brasileiro a criar em 1962, para estes casos, o Grupo Executivo para as Terras do Sudo-

este do Paraná (GETSOP). Foi necessário ao GETSOP estudar e mapear a área, através de cuidadosas consultas a cada fazendeiro e seus vizinhos; e desde então, aquele órgão federal, ali permanece. Assim, a legalização correta das terras foi alcançada com custos muito superiores aos necessários, se isto tivesse sido feito antes da vinda dos colonos. Além disso, as pesquisas tiveram que ser excessivamente detalhadas, devido ao padrão existente nas pequenas propriedades.

Quarenta e um por cento das propriedades no sudoeste do Paraná têm menos de 10 hectares, um alto índice de propriedades minifundiárias, o que ganha maior importância, visto que a topografia da região é montanhosa, onde se limitam a maioria das terras cultivadas. Uma outra conseqüência negativa da ocupação não planejada, é a administração inadequada das fazendas, predominante no sudoeste do Paraná, assim como em outras partes do Paraná e Brasil. Os colonos constroem cabanas baratas, para morar, e raramente fazem algum melhoramento; praticam uma cultura de subsistência pobre, e freqüentemente só aspiram o mínimo em matéria de padrão de vida. Como o solo se esgota rapidamente, mudam-se para outras regiões onde repetem o processo.

A magnitude destes problemas é aumentada pela população atual de 300.000 pessoas. Se a ocupação tivesse sido feita pelo menos após um mínimo de planejamento, muitas das disputas de terra, das fazendas minifundiárias, e da administração inadequada poderiam ter sido evitadas. Dificuldades menos óbvias, mas igualmente sérias, surgiram ao fim dos estudos, como por exemplo: repressão aos posseiros, estagnação econômica e a formação de favelas rurais.

Após a terra ser ocupada, muitas reclamações e conflitos surgem da parte dos primeiros ocupantes. A imposição de um sistema governamental de divisão de terras nas terras previamente ocupadas pode resultar em novas linhas de demarcações dividindo propriedades antigas, criando fazendas sem água exterior, caminhos e estradas através de casas e pântanos, e conflitos entre antigos colonizadores pacifistas.

O controle de posseiros pode incluir uma ação vigilante, se, as leis governamentais mostraram-se fracas e inviáveis. Infelizmente, quase todas as ações contra os posseiros são relativamente ineficientes em áreas de mata densa, devido aos altos custos e a dificuldade de acesso. A estagnação econômica ocorre, pois os posseiros geralmente tratam mau a terra e não aceitam responsabilidades legais de propriedade. Como conseqüência, eles, muito freqüentemente, não se estabelecem de forma permanente. Obviamente, a instabilidade é geral: o posseiro usa métodos agrícolas primitivos, tem dificuldade para obtenção de crédito, e induz os colonizadores de boa fé a abandonarem a região, pois há pouca esperança de progresso econômico.

Apesar do envolvimento governamental na distribuição de terras, as disputas ainda acontecem. Por exemplo, as vendas de terra reconhecidas pelo Governo anterior podem não ser sancionadas pelo regime atual. Isto tem ocorrido na fronteira sul do Município de Toledo, a cerca de 15 quilômetros das terras da Maripá, no Distrito<sup>41</sup> de São Pedro. Lá, a terra pertencente ao Estado, que não foi desenvolvida, é vendida pelo Governo atual, na forma de pequenas fazendas familiares. Esta terra fora vendida anteriormente a um pequeno grupo de indivíduos,

<sup>41</sup> O distrito é uma subdivisão administrativa do município, algo comparável ao "township", distrito rural nos Estados Unidos.

mas a propriedade não foi reconhecida pelo Governo atual. Para proteger sua propriedade, o grupo apelou para a força armada a fim de intimidar os pequenos fazendeiros<sup>42</sup>. Conflitos semelhantes a este e a outros tornam o progresso econômico impossível, enquanto não forem resolvidos.

### 3.2 — Ocupação planejada

Quando a ocupação pioneira é planejada, muitos dos problemas da colonização espontânea podem ser evitados, e a garantia de títulos de terra e o progresso econômico serão mais prováveis de acontecer. O básico, para a ocupação planejada, é a forma e estrutura de ocupação empregadas. As características de ocupação são influenciadas por dois sistemas de divisão de terra viáveis aos planejadores: Quadrado ou Damero, e Longos Lotes.

Acessibilidade imediata à água é crítica, em áreas onde as bombas e os moinhos de vento são impraticáveis. Em um Sistema Damero, alguns fazendeiros podem não ter acesso à água, enquanto outros podem ter mais que o necessário. Quando não há disponibilidade suficiente de água, não se pode criar animais; sem animais os arados não podem ser empregados, não há leite para as crianças, e a agricultura de subsistência com uso de enxadas não só é adotada, mas torna-se uma constante.

O Sistema Damero tende a isolar os fazendeiros — um fator negativo na moral dos colonizadores, principalmente nos estágios iniciais de pioneirismo. A experiência mostra que os colonizadores tendem a estabelecer-se ao acaso, dependendo da água, do solo, declives, e outros fatores. Assim, mesmo em uma propriedade de 25 hectares ( $500 \times 500$  metros), os colonos poderiam normalmente não ter contato próximo com os outros, e se encontrarem especialmente separados em áreas de mata densa. As maiores distâncias, e a resultante deficiência de comunicação retardam o desenvolvimento, pois limitam a formação e operação de programas de cooperativas, manutenção de estradas e pontes, e de combate a doenças e incêndios. Também, na tentativa de cortar despesas, freqüentemente uma rede de estradas não é construída, e com isso algumas famílias encontram-se a vários quilômetros distantes das estradas. Isto implica um longo percurso através das matas.

Outra fraqueza do Sistema Damero é a necessidade de revisão das estradas, uma vez que elas são teoricamente planejadas em linhas retas, mas atualmente, a construção é freqüentemente desviada em virtude de barreiras naturais, como as corredeiras. Isto resulta na necessidade de novas pesquisas, na elevação de custos, na demanda adicional de mão-de-obra. Em comparação, o Sistema de Longos Lotes, não limita assim, tão rigorosamente a construção de estradas, e elas podem seguir o contorno das terras.

A razão principal do sucesso do Sistema Damero é que foi empregado em áreas niveladas e sem árvores no Pampa Argentino e nas Grandes Planícies dos Estados Unidos. Os agrimensores estão mais

<sup>42</sup> Entrevista com José Borges dos Reis, Vice-Prefeito de Ouro Verde, Distrito de Toledo; 8 de agosto de 1970.

acostumados ao Sistema Quadrado, e podem achá-lo mais fácil, por isso não planejam mudar. Linhas retas são menos complicadas do que ângulos variados e limites de algumas fazendas de Longos Lotes.

Reconhecidamente uma divisão de terras Damero pode ser razoavelmente praticada em terras planas, se forem construídos poços pouco profundos. Mesmo assim, numa planície relativamente uniforme, um Sistema Quadrado pode trazer maiores benefícios no uso da terra se mudado para o Sistema de Longos Lotes.

Barnes<sup>43</sup> analisa o caso com o sistema de Medida de Terras Públicas dos Estados Unidos, comparando duas áreas de 16 seções (74 fazendas) cada uma.

Cada seção tem quatro fazendas de 160 acres (65 ha). As duas áreas diferem, pois uma possui propriedades padrões de 1/4 de milha (0,65 km<sup>2</sup>), enquanto a outra possui longos lotes de 1 milha (1,65 km) de comprimento por 1/4 de milha (0,41 km) de largura. As estradas que servem os longos lotes distanciam-se uma da outra em duas seções, em vez de uma, como predomina no Sistema Quadrado. A ocupação nos longos lotes tende a ser em forma de linha, e dispersa, no Sistema Quadrado. A área de plantio é de 128 acres (52 hectares) ou 2 acres (1,2 hectare) por fazenda, e as despesas para construção e manutenção das estradas são mais baixas. Serviços adicionais, como eletricidade, requerem 23,5 milhas (39 km) de linha no Sistema Quadrado e somente 8 milhas (13 km) no de Longos Lotes. A economia pode diminuir os preços como pode voltar a encorajar a grande utilização, e comandar ainda mais a baixa dos preços.

Muito superior ao simples Sistema de ocupação Quadrado, é uma forma resultante da divisão de terras, que respeita cuidadosamente a paisagem natural de uma área. O Sistema adapta-se à topografia e hidrografia, e tem influência direta sobre os declives, viabilidade de água, tamanho e forma dos lotes, distância e alinhamento de ocupações, grau de isolamento dos colonizadores, distância dos serviços urbanos e construção e manutenção das estradas.

Longos Lotes que sobem do rio para a parte mais alta da região em alinhamento com a drenagem natural, podem dar a cada propriedade acesso imediato a ambos, rio e estradas. Mais além, um Sistema de Longos Lotes possibilita uma distribuição equivalente de vários tipos de solo e declives para cada propriedade. Estas são as razões principais para a escolha do Sistema de Longos Lotes pelos planejadores da Maripá.

O Sistema de Longos Lotes foi trazido a Toledo do sul do Brasil, e para lá foi levado pelos colonos vindos da Alemanha. Quando os primeiros agrimensores e planejadores emigraram para o sul do Brasil, imediatamente reconheceram as semelhanças das paisagens montanhosas e de florestas densas daqui com as da Europa, e reconheceram a conveniência do sistema *Waldhufen* para esta paisagem<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Ver Barnes, Bibliografia, 4, p. 298-301.

<sup>44</sup> Ver Eldt, Bibliografia, 14, p. 122-5 e p. 128.



Eidt explica melhor o termo *Waldhufendorf*:

“o *Waldhufendorf*, resumidamente, é uma ocupação em linha planejada de florestas (*Wald*), nas quais os colonos vivem em suas próprias faixas de terra paralelas (*Hofstreifen*), estas terras estendem-se de um vale particular com direção a um interflúvio adjacente, ou vice-versa. Uma dificuldade de interpretação aparece, pois o termo *Waldhufendorf* inclui a presença de uma vila, por causa do sufixo *dorf*. Infelizmente a palavra *Dorf* pode ser usada em alemão, para descrever ocupações aglomeradas (incluindo *Waldhufendorfer*) com ou sem função central ou comércio interno, e as funções dos serviços sócio-religiosos desenvolvidas. Pode-se traduzir o termo como vila ou povoado, mas somente um trabalho de campo ou estudo de mapas revelarão o que realmente existe, se não houver disponibilidade de informações mais detalhadas”<sup>45</sup>.

Eidt acrescenta que *Walshufendorf* é empregado em seu livro “... somente para ocupações em fazendas de longos lotes nas florestas nas quais as funções lineares de vilas foram desenvolvidas ...” para evitar ambigüidade. O termo *Waldhufenweiler* é “... usado especificamente para as ocupações em fazendas de longos lotes do estilo alemão, em florestas, onde não foram desenvolvidas funções centrais”<sup>46</sup>.

Em Toledo, as verdadeiras *Waldhufendorfers* não foram formadas, pois áreas especiais foram destinadas para urbanização pelo sistema de construção com grelhas. Portanto, não há *Dorf* na área rural. *Waldhufenweiler* aglomerados são encontrados ocasionalmente nas nascentes dos rios, como resultado da divisão de terras em vértices para acesso à água, e não pelo desejo dos colonizadores em se aglomerarem. Conseqüentemente, a forma dominante de ocupação em Toledo é designada simplesmente como do tipo *Waldhufen*.

### 3.3 — Comparação dos sistemas de ocupação em quadrados e em longos lotes

Para ilustrar as diferenças entre os dois sistemas de divisão de terra, dois tipos de grades quadradas e um Sistema de Longos Lotes topograficamente orientados foram sobrepostos em uma área escolhida casualmente em Toledo, abrangendo 16 milhas quadradas. As grades do Sistema Americano de Medida de Terra Pública têm 1 milha quadrada (2,6 km<sup>2</sup>) divididas em quatro propriedades de 160 acres (65 ha). As grades, aqui, teriam 1 milha, mas seriam divididas em nove propriedades de 71 acres (29 ha), quase o mesmo tamanho dos lotes da Maripá. A tabela 6 resume as descobertas nestes três Sistemas, revelando o grau de acessibilidade à água e a extensão das estradas

A tabela 6 mostra que em 63 e 36% das propriedades do Sistema Damero há falta d'água, embora todas as propriedades no Sistema de Longos Lotes tenham água. Notou-se também, por outro lado, que propriedades do Sistema Damero sem acesso imediato à água fizeram com que os colonos ignorassem completamente estas áreas, ou estas foram ocupadas por colonos menos qualificados<sup>47</sup>.

<sup>45</sup> Idem, p. 99 e 101.

<sup>46</sup> Idem, p. 101.

<sup>47</sup> Idem, p. 130.

Admite-se que os rios não sejam tão importantes hoje como no passado, devido à maior facilidade de se abrirem poços. No entanto, mesmo sendo possível a abertura de um poço, após a ocupação inicial, as construções das fazendas permanecem onde estavam. Pode-se argumentar que, embora os custos iniciais de manutenção e construção de poços com motor fossem muito altos para muitos colonos, os moinhos de vento poderiam ser usados. No entanto estes não são suficientemente confiáveis, em Toledo.

TABELA 6

**COMPARAÇÃO DOS SISTEMAS DE LONGOS LOTES E QUADRADOS EM ÁREA ALEATÓRIA DO MUNICÍPIO DE TOLEDO**

ESPECIFICAÇÃO	COMPARAÇÃO DOS SISTEMAS		
	Medida norte-americana	Quadrado esquemático (1)	Longos lotes MLC
Área			
Em km <sup>2</sup> .....	41	41	41
Em ml <sup>2</sup> .....	16	16	16
Tamanho médio de propriedade			
Em ha.....	66	29	31
Em acres.....	160	71	75
Propriedades sem água			
Números absolutos.....	40	52	0
Números relativos.....	63	36	0
Estradas			
Em km.....	53	53	40
Em milhas.....	32	32	24

(1) Dezesseis (16) propriedades poderiam ficar sem acesso direto às estradas (as propriedades centrais de cada nove lotes quadrados), o que causaria a necessidade de longas jornadas através das propriedades dos vizinhos.

Para que todas as propriedades tenham acesso às estradas, e portanto a um mercado, menos estradas são necessárias nos Sistemas de Longos Lotes, do que nos Sistemas Damero. Por exemplo, existem aproximadamente 24 milhas (40 km) de estradas entre os Longos Lotes da área amostral, e são necessários 53 quilômetros nos Sistemas Quadrados. Dois métodos são possíveis para situar as estradas para dar acesso a todas as propriedades. Aproximadamente 12 milhas (20 km) de estradas quando localizadas na linha divisória de águas. Quando as estradas estão perto dos rios, um máximo de 25 milhas (41 km) são necessários. O melhor para a área seria a adaptação à topografia local, e drenagem, alinhando-as mais perto dos rios, quando esses não forem muito distantes entre si, e ao longo das divisões, quando os rios são muito próximos. Para isso, seriam necessárias de 15 (25 km) a 20 milhas (33 km) de estradas nesta área de 16 milhas quadradas (41 km<sup>2</sup>). Além disso, seriam necessárias cerca de dez pontes se as

estradas fossem construídas ao longo de seções de linhas retas. Somente de três a seis pontes seriam necessárias nos Longos Lotes.

As instalações das fazendas em Toledo, geralmente distanciam-se de 50 a 300 metros. Um lote de 25 hectares tem geralmente  $250 \times 1.000$  metros. No entanto, as dimensões variam, especialmente quando os lotes são subdivididos. Por outro lado, a distância média entre as instalações das fazendas no Sistema Dameró é de aproximadamente 450 metros em fazendas de 25 hectares — distância enorme para superar o isolamento. Além do mais, as ocupações são mais distanciadas devido à extensão das estradas e, também, porque as instalações das fazendas, freqüentemente, não se localizam nos lados opostos de uma estrada. Quando estradas são construídas ao longo de cada linha da seção de um Sistema Quadrado, todos os colonos têm acesso direto às estradas, mas isto não acontece com freqüência, e assim, alguns colonos ficam completamente isolados, e extensas estradas são necessárias. Inversamente, as propriedades em Sistemas de Longos Lotes quase sempre têm acesso direto à estrada.

### 3.4 — O caso de Toledo

O aparente sucesso de Toledo, uma colônia jovem, pode ser atribuído, em parte, à excelente escolha da forma de ocupação e estrutura, ao bom mapeamento, e à segurança de propriedade dos títulos. Nos primeiros estágios de abertura de terras, a Maripá contratou todas as fases de agrimensura, mapeamento e intitulação. Entretanto, isso tornou-se insatisfatório e a Maripá organizou seu próprio serviço de cartografia e concessões de títulos, contratando somente os serviços de agrimensura.

Os projetistas da Maripá, empregando o método de agrimensura planimétrica, usaram pontos de referência estabelecidos astronômicamente, e limites muito superiores aos pontos indefinidos, como as pedras e árvores, que podem ser alterados, removidos ou destruídos, ou rios como é feito pelos posseiros. A Maripá não foi ao extremo de usar um Sistema de medida Dameró, astronômicamente baseado em meridianos paralelos leste-oeste, e meridianos norte-sul. Tal Sistema é desnecessariamente rígido em seu uso de quadrados uniformes. Um sistema mais satisfatório emprega linhas de base estabelecidas astronômicamente (transversais), mas permitindo o ajuste das linhas de propriedade às barreiras do meio natural.

Em Toledo, os rios são as únicas características naturais utilizadas diretamente como limites. Linhas retas, fixadas astronômicamente, correm diretamente para a linha divisória de águas. Em Toledo, isto é fácil, pois a linha divisória de águas está localizada em terras relativamente planas. As duas linhas demarcatórias que estendem-se da linha divisória de águas aos rios, também são linhas retas. Isto resulta em propriedades de quatro lados, com três lados retos e o quarto limitado pelo rio. Portanto, a medida para os Sistemas de Longos Lotes pode ser tão correta e permanente quanto no Sistema de Quadrados, apesar do uso de algumas características naturais como pontos de referência e limites.

Um mapeamento excelente completou o trabalho em Toledo<sup>48</sup>. Felizmente, os freqüentes problemas de mensuração, mapeamento e títulos de propriedades não ocorreram em Toledo, pois a abertura sistemática das terras foi completada antes da ocupação. A Maripá também forneceu instalações para novos negócios enquanto os prédios não estivessem prontos. Tudo isso colaborou para estabilizar e facilitar, desde o início, os primeiros estágios de pioneirismo, geralmente cheios de dificuldades.

As disputas de terras têm sido evitadas em Toledo, por várias razões. Primeiro, a área da Fazenda Britânia era de propriedade de um único grupo. Segundo, a região era totalmente desocupada com exceção de alguns quilômetros ao longo do rio Paraná, que incluíam esparsos estabelecimentos associados, que produziram erva-mate e extraíam madeira. Quando a Maripá construiu uma trilha e posteriormente uma estrada para Toledo, foram tomadas medidas para evitar a entrada de posseiros.

Apesar das vantagens da forma de propriedade em Longos Lotes, há necessidade de incluir áreas especiais para o desenvolvimento urbano futuro, empregando uma forma diferente de ocupação. Se as áreas urbanas não são planejadas, os padrões de ocupação urbana na forma de vilas lineares tendem a desenvolver-se ao longo das estradas. As vilas lineares não são satisfatórias, pois os negócios são freqüentemente repetidos em intervalos, ao longo das estradas. Conseqüentemente, os negócios permanecem pequenos, e a qualidade da mercadoria e dos serviços fica limitada. A substituição posterior das ineficientes ruas lineares de comércio, com um distrito comercial centralizado, é virtualmente impossível, pois os comerciantes resistem às mudanças necessárias, e os fazendeiros demandam preços maiores por suas terras<sup>49</sup>.

Como se pode ver, em Toledo, prefere-se uma forma rural com uma vila central do que as tradicionais vilas lineares, o que resulta em um distrito comercial compacto. A centralização dos negócios reduz o dispêndio de tempo e energia para as compras. Além disso, as lojas são maiores, pois não são repetidas como acontece nas vilas lineares, e pode-se fornecer mercadorias e serviços de qualidade superior com custos menores.

Os dois principais centros urbanos planejados pela Maripá foram Toledo e Marechal Cândido Rondon. Pequenas vilas também foram criadas; nota-se, portanto, que com os tipos rurais de estabelecimento, um complexo padrão de ocupação regional é revelado. Nos quadros padronizados de ocupação em grupo de 1 hectare cada, 100 × 100 metros, são divididas em dez lotes residenciais. As cidades, vilas e povoados bem planejadas têm ruas largas, em padrões Damero e grandes e espaçosos lotes residenciais. Isto contrasta com as ruas estreitas e des-simétricas, e os pequenos lotes, nas tradicionais ocupações do grupo luso-brasileiro.

Um problema na Cidade de Toledo é que muitas quadras têm somente umas poucas casas. Isto ocorre pois muitos lotes urbanos não ocupados são mantidos como investimentos de especulação. Para re-

<sup>48</sup> Os mapas estão disponíveis no Escritório Técnico da Maripá, com o Cartógrafo Antonio Dewes, antigo empregado da MLC.

<sup>49</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 119 e p. 132.

mediar tal situação, o governo municipal planeja impor impostos discriminatórios.

Outro passo importante no planejamento urbano foi circundar cada cidade com lotes quadrados de 2,5 hectares cada. Estas propriedades, chamadas chácaras, são ocupadas por pessoas em funções não agrícolas que praticam a lavoura durante parte do tempo. As chácaras podem ser subdivididas em lotes urbanos com a expansão das vilas, um dispositivo importante que permite o desejável crescimento urbano. Deste modo, a necessidade de comprar terras agrícolas desenvolvidas e de altos custos para a expansão futura foi reduzida.

O exterior das casas urbanas, geralmente têm telhados pontudos de madeira e laterais de tábuas e estuque. O interior consiste de assoalhos de tábuas de pinho estreitas, embora as paredes e tetos sejam de tábuas sulcadas. As melhores casas têm uma pia de cozinha, toalete com descarga e esgoto que correm para um tanque séptico. Frequentemente, uma casinha cobre a bomba elétrica que leva a água para um tanque fora da casa ou no sótão. O pátio de trás pode ter pilhas de madeira, um barracão para armazenagem, e ocasionalmente um galinheiro. Muitas casas têm jardim com flores e hortas, e algumas árvores frutíferas de pêssego, ameixa e mamão. As varandas são comuns, e são cercadas com arame, estacas ou concreto. Os colonos alemães preferem lotes planos, enquanto os italianos, frequentemente, se estabelecem em locais montanhosos, talvez por ser mais fácil a construção de pequenos porões. Os habitantes urbanos mais pobres e proprietários de chácaras têm geralmente casas de tábuas verticais com tiras estreitas de madeira para cobrir frestas; madeiras substituem as telhas; a água é tirada com balde de poços descobertos<sup>50</sup>.

Toledo é o centro educacional do oeste do Paraná. Há mais de 7.000 estudantes de todas as idades no Município. Quatro escolas de 2.º grau têm um total de 39 professores e 453 alunos<sup>51</sup>. Pretende-se a construção no início da década de 70 de uma universidade estadual, eliminando a necessidade de se viajar 600 quilômetros para a universidade de Curitiba<sup>52</sup>.

Uma estação rodoviária ativa, um grande número de táxis, muitos caminhões de todos os tamanhos, e um total de 1.285 veículos registrados indicam como a atividade pioneira da comunidade de Toledo se desenvolve. A construção de ruas e estradas é realizada sete dias por semana e frequentemente até altas horas da noite. Os adolescentes vão à escola após um dia inteiro de trabalho. Muitas atividades, anteriormente associadas com a chegada dos pioneiros, são hoje substituídas por atividades relacionadas à economia urbana em expansão.

As pequenas vilas funcionam como centros locais de serviço, com uma população indo de algumas dezenas de famílias a várias centenas, mas não ultrapassando 1.000. A maioria tornou-se estagnada, pois os veículos motorizados tornaram-se mais importantes e os colonos podem fazer viagens mais facilmente para as Cidades de Toledo e Marechal Cândido Rondon.

<sup>50</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 32.

<sup>51</sup> Quadro estatístico do Município de Toledo, organizado pela União Toledense dos Estudantes Secundários em dezembro de 1968.

<sup>52</sup> Entrevista com Dr. Wilson, Vice-Prefeito, 5 de agosto de 1970.

A Cidade de Marechal Cândido Rondon é também uma ativa comunidade pioneira. Sua população é de 10.000 habitantes, menos da metade da população de Toledo. Os descendentes alemães formam a maioria, e como em Toledo, os suínos e o milho lideram a produção agrícola.

De fato, a Maripá possui um novo estabelecimento de embalagem de carne com 50 empregados, em Marechal Cândido Rondon, que em 1970 abateu 100 suínos por dia. Planeja-se expandir as operações para 300 suínos, diariamente<sup>53</sup>. Embora Toledo tenha a vantagem de ser o centro de operações da Maripá, Marechal Cândido Rondon compete pela liderança regional do centro-oeste do Paraná e mesmo oeste do Paraná.

Um resumo dos tipos de ocupação nas terras da Maripá é visto na tabela 7 e figura 3. Os tipos mistos de ocupação, combinados com o sistema de estradas bem integradas da área são distribuídos para dar a cada fazenda acesso às vilas locais e aos dois grandes centros urbanos.

TABELA 7

**TIPOS DE OCUPAÇÕES**  
**OCUPAÇÕES, FAMÍLIAS E POPULAÇÃO, POR TIPOS DE OCUPAÇÕES**  
**DA CIA. DE TERRAS MARIPÁ**

ESPECIFICAÇÃO	DADOS NUMÉRICOS, POR TIPOS DE OCUPAÇÕES			
	Isolados individuais	Povoação	Vilas e pequenas cidades	Cidades
Ocupações.....	18 000	30	15	2
Famílias.....	18 000	300	900	6 000
População.....	110 000	2 000	4 500	33 500

**NOTAS** — 1. A área da Cia. de Terras Maripá (MLC) inclui todo o Município de Marechal Cândido Rondon, aproximadamente a metade de Toledo e uma pequena parte de Terra Roxa do Oeste e Palotina.

2. Estimativas baseadas em dados de Elfes (Bibliografia, 15), p.16 e no Mapa do Município de Toledo, Sistema Viário, 1970.

3. Os tipos de ocupações estão de acordo com a classificação de Eidt (Bibliografia, 12), p.132, onde a função central e não o tamanho é o principal critério. Assim, as pequenas cidades e vilas são localidades centrais, enquanto as aldeias não são.

### 3.5 — Conclusão

Existe ainda, muito a se aprender sobre a América Latina através do estudo dos padrões regionais de ocupação altamente mistos. Isto é especialmente verdadeiro nos sistemas de colonização implantados antes do desenvolvimento dos tipos de serviços lineares, que tendem a obscurecer os padrões originais, mas são fortemente influenciados por eles. Hoje algumas formas de ocupação, podem estar antiquadas, embora outras nunca tivessem sido as melhores. Por exemplo, pode-se argu-

<sup>53</sup> Entrevista com Angelo C. Costamilan, Diretor da MLC, em 3 de agosto de 1970.

mentar que a forma quadrada tão comum nos Estados Unidos da América (EUA) não se aplica à situação da América Latina. No entanto, alguns países latino-americanos, Argentina por exemplo, seguiram o sistema dos EUA. Por esta razão, quando as nações em desenvolvimento são confrontadas com a abertura de novas terras para o desenvolvimento agrícola, é necessário que os planejadores considerem cuidadosamente as formas de ocupação anteriores, que podem estar ultrapassadas ou que eram incorretas mesmo na época de implementação. Tais análises são especialmente importantes em vista do grande uso de tecnologia agrícola nos dias de hoje, mesmo em uma área pequena como é o caso de Toledo. Acrescente a isto, a possibilidade de uma rápida modernização da agricultura, e vê-se que a previsão e a escolha de ocupação são de suprema importância.

#### 4 — DIMENSÃO DAS PROPRIEDADES EM TOLEDO: I

A intenção inicial dos criadores da Maripá foi estabelecer propriedades de terra, pela divisão da área total, em lotes de 25 hectares. Cada lote pertenceria e seria operado por uma única família. No entanto, com o desenvolvimento da área, vendas particulares fizeram que as propriedades tivessem as dimensões muito alteradas, tornando os lotes menores ou maiores de 25 hectares. De fato, com o passar dos anos, mais de 65% das propriedades diminuíram em tamanho<sup>54</sup>. Esta tendência, em direção ao sistema de minifúndio, é examinada com detalhes, abaixo.

##### 4.1 — Coleta de dados

Os dados para análise da dimensão das propriedades foram obtidos dos registros iniciais<sup>55</sup> de vendas de terra da Maripá, e dos registros oficiais do Município<sup>56</sup>. Os funcionários locais informaram que são comuns as transações ilegais de propriedades de terras, nas proximidades das terras da Maripá, e por isso os registros podem estar incorretos. No entanto, durante os estudos de campo tais casos não foram encontrados nas terras da Maripá.

Embora os registros da Maripá e do Município não revelem erros, eles indicam somente as propriedades iniciais e atuais. Os registros de escrituras foram examinados na tentativa de encontrar proprietários intermediários. No entanto, estes registros são incompletos, e os funcionários locais estimam que somente 40% das transações de propriedades passam pelo cartório<sup>57</sup>. Uma amostra de registros de 67 lotes dos Registros de Escrituras revela que apenas 30 lotes (45%) são registrados, e cinco destes foram feitos pelo proprietário inicial. Somente

<sup>54</sup> Ver tabela 8: as Classes II e III incluem 69,8% das propriedades modelos.

<sup>55</sup> Esses registros foram fornecidos por Angelo C. Costamilan, Diretor da MLC, 3 de agosto de 1970.

<sup>56</sup> Os registros da posse das propriedades foram obtidos da Prefeitura Municipal de Toledo (Egon Pudell, Prefeito).

<sup>57</sup> Entrevista com Norci dos Santos, assistente do Diretor do Registro de Imóveis, Dr. Haroldo L. Hamilton, Toledo, 5 de agosto de 1970.

parte dos sete lotes originais da Maripá estão registrados. Os fatores que explicam o baixo índice de registros oficiais são: 1 — o costume de transferência verbal de propriedades; 2 — a recente reforma agrária que estipula a dimensão mínima legal das fazendas em 25 hectares, estimulando desta forma algumas pessoas a comprar e vender terras verbalmente a fim de burlar a lei; e 3 — os proprietários podem deixar de fazer o registro, por causa das excelentes peculiaridades de seus títulos.

#### 4.2 — Amostragem

Oito subdivisões de ocupações dentro da colônia foram aleatoriamente escolhidas, para a análise. As subdivisões, ou perímetros, como são chamados pela Maripá, variam de 825 a 4.150 hectares. Inicialmente havia 756 lotes, formados dentro destes perímetros. As subsequentes vendas particulares resultaram num total atual de 1.099 propriedades, e um decréscimo na dimensão média das propriedades de 25 para 17,2 hectares.

#### 4.3 — A classificação

Embora a média atual dos lotes seja de 17,2 hectares, nas análises de campo não foram encontrados, com frequência, lotes destas dimensões. Infelizmente, as estatísticas oficiais que permitiriam um mapeamento das dimensões exatas dos lotes não são disponíveis. No entanto, os exemplos estudados indicam que as dimensões das propriedades podem ter a seguinte classificação geral:

CLASSE	CATEGORIA	DIMENSÃO (ha) *
I	Lote original intacto	25
II	Lote original subdividido uma vez	12,5
III	Lote original subdividido mais de uma vez	8,3
IV	Propriedade de mais de um lote original	25 vezes o número de lotes originais.

\* Estes dados podem ser imprecisos para os casos específicos dos lotes de Classe II ou III.

Os lotes da Classe I constituem somente 1/3 do número total e cobrem menos da metade da área total. Os proprietários da Classe IV possuem uma média de 2,7 lotes originais e suas propriedades têm em média 73,7 hectares.



#### 4.4 — Tendências dos padrões de propriedade

As tendências das propriedades e da dimensão das mesmas podem ser discernidas, comparando as posses de propriedades originais e atuais, bem como comparando as áreas que foram colonizadas em períodos de diferente duração de tempo.

O Perímetro 1 é usado para comprar as primeiras iniciais e atuais propriedades uma vez que ele está ligado à área de colonização mais antiga (1948). As Classes dos lotes no Perímetro 1 são descritas na tabela 8, que mostram uma notável elevação de lotes de Classes I, II e III. O número de propriedades aumentou de 16 para 23, uma elevação de 293,8%. Por outro lado, no Perímetro 30, uma área de colonização recente (1965), a Classe I permanece quase a mesma, mas as Classes II e III elevaram-se e a Classe IV diminuiu (Tabela 9). Sem dúvida, a Classe I teria mostrado uma tendência semelhante em ambos os Perímetros, exceto no Perímetro 1 onde havia um número maior de compras iniciais múltiplas, que foram rapidamente vendidas como lotes simples de 25 hectares o lote. O número de propriedades no Perímetro 30 elevou-se em somente sete (28 para 35), uma elevação de 25%. Por esta razão parece haver uma relação direta entre a subdivisão dos lotes e a época das ocupações nestas áreas.

TABELA 8

#### COMPARAÇÃO DAS PROPRIEDADES INICIAIS EM RELAÇÃO AS PROPRIEDADES ATUAIS, NO PERÍMETRO 1, POR CATEGORIA DO LOTE ORIGINAL

ESPECIFICAÇÃO	COMPARAÇÃO DAS PROPRIEDADES				
	Total	Categoria do lote original			
		Classe I intacto	Classe II subdividido uma vez	Classe III subdividido mais de uma vez	Classe IV propriedade de mais de um lote
Propriedades iniciais					
Número.....	16	4	2	—	10
Área (ha).....	975	100	25	—	850
Propriedades atuais					
Número.....	63	17	34	11	1
Área (ha).....	975	425	425	75	50
Variação das propriedades					
Absoluta.....	47	13	32	11	—9
Relativa (%).....	293,8	325,0	1 600,0	—	—90,0

Na ausência de outros dados, pode-se chegar a um padrão de propriedade intermediário, fazendo-se a média dos Perímetros 1 e 30. Tal média, isto é, para aproximadamente 15 anos de idade vê-se que o

número de propriedades foi elevado de 44 para 98, uma elevação de 54 (122,7%).

Uma análise cuidadosa das propriedades originais do Perímetro 1, revela que as propriedades da Classe IV eram três vezes maiores, em média, que as de Classe I: 75 e 25 hectares, respectivamente. Hoje, propriedades relativamente menores são encontradas nestes lotes anteriores de Classe IV. Quarenta e nove propriedades restaram de dez propriedades originais de Classe IV e têm uma média somente de 15 hectares. Por outro lado, as oito propriedades originais de Classe I se constituem, agora, em 11 propriedades, com uma média aproximada de 18 hectares cada.

TABELA 9

**COMPARAÇÃO DAS PROPRIEDADES INICIAIS EM RELAÇÃO AS PROPRIEDADES ATUAIS, NO PERÍMETRO 30, POR CATEGORIA DO LOTE ORIGINAL**

ESPECIFICAÇÃO	COMPARAÇÃO DAS PROPRIEDADES				
	Total	Categoria do lote original			
		Classe I intacto	Classe II subdividido uma vez	Classe III subdividido mais de uma vez	Classe IV propriedade de mais de um lote
<b>Propriedades iniciais</b>					
Número.....	28	19	4	—	5
Área (ha).....	825	475	50	—	300
<b>Propriedades atuais</b>					
Número.....	35	19	8	4	4
Área (ha).....	825	475	100	25	225
<b>Variação das propriedades</b>					
Absoluta.....	7	0	4	4	-1
Relativa (%).....	25,0	—	100,0	—	-25,0

O fato de a maioria das propriedades iniciais de Classe IV serem subdivididas em propriedades menores, sugere que: 1 — as propriedades maiores são compradas por investidores mais ricos que planejam vender a propriedade total em unidades subdivididas; ou 2 — os proprietários originais pretendiam, ou decidiram mais tarde, cultivar somente parte da propriedade, e vender o restante. De qualquer maneira, as grandes propriedades são geralmente pouco habitadas; são subdivididas e de diferentes donos. Inversamente, os lotes iniciais de 25 hectares tendem a permanecer intactos e a posse, geralmente, permanece a mesma. Não há evidências da compra de terras, por fazendeiros ricos, para formar grandes propriedades. No entanto, isto pode ocorrer no futuro, quando a colonização estiver mais organizada.

#### 4.5 — Estágios de ocupação

Desde que começaram, gradualmente, a ocorrer as subdivisões de propriedades, ao longo de um período de 20 anos, vários estágios de colonização pioneira podem ser analisados, na área de Toledo. Como ficou demonstrado acima, diferentes estágios podem ser identificados de acordo com o grau de subdivisões. As subdivisões incipientes indicam um pioneirismo mais recente, relativamente moderadas que revelam estágios intermediários de ocupação; e quando o processo de subdivisão se nivelar ou declinar “a subdivisão máxima” é alcançada com referência ao estágio de pioneirismo e estabilização da posse da propriedade.

Infelizmente, só são disponíveis os dados iniciais de compra de propriedades para os Perímetros 1 e 30. No entanto, a Maripá numerou cada Perímetro sucessivamente, quando foram abertos para a colonização; portanto, o tempo relativo de ocupação é mostrado na lista numérica de Perímetros, dos mais antigos aos mais recentes (Tabela 10).

TABELA 10

#### DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES, POR SUBDIVISÃO DAS TERRAS NO MUNICÍPIO DE TOLEDO

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES								
	Total	Subdivisão das terras							
		Grupo A					Grupo B		
		Perímetro 1	Perímetro 4	Perímetro 8	Perímetro 15	Perímetro 29	Perímetro 30	Perímetro 44	Perímetro 47
Propriedade original — MLC.....	756	39	89	124	166	116	33	54	135
Propriedade atual.....	1 099	63	152	217	241	199	35	45	147
Tamanho médio atual (ha).....	17,2	16,3	14,7	14,8	17,2	14,6	24,3	30,0	23,0
Classe I — Lote original intacto									
Absoluto.....	354	17	37	58	85	57	19	25	55
Relativo (%).....	32,2	27,0	24,3	27,2	35,3	28,6	54,3	55,8	37,4
Classe II — Lote original subdividido uma vez									
Absoluto.....	414	34	62	76	104	72	8	16	42
Relativo (%).....	37,7	54,0	40,8	35,0	43,2	36,2	22,9	35,6	28,6
Classe III — Lote original subdividido mais de uma vez									
Absoluto.....	294	11	50	81	45	68	4	—	35
Relativo (%).....	26,7	17,4	32,9	37,3	18,7	34,2	11,4	—	23,8
Classe IV — Propriedade de mais de um lote original									
Absoluto.....	37	1	3	1	7	2	4	4	15
Relativo (%).....	3,4	1,6	2,0	0,5	2,8	1,0	11,4	8,8	10,2

Dois grupos definidos surgem de uma listagem cronológica dos Perímetros, como revelado pelo grau de subdivisão (Tabela 10). Os dois grupos são compostos dos Perímetros 1, 4, 8, 15 e 29, aqui chamado Grupo A e Perímetros 30, 44, 47, aqui chamado Grupo B. O Perímetro 1 do Grupo A, que possui os dados iniciais de compra, mostra que

somente dois dos 39 lotes foram vendidos pela Maripá, em 1948-49. Trinta e dois lotes foram vendidos entre 1956 e 1960 no Perímetro 30 do Grupo B. A tabela 11 mostra a percentagem de área e propriedades para os Grupos A e B, respectivamente.

TABELA 11

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ÁREA E DA PROPRIEDADE,  
SEGUNDO AS CLASSES DE PROPRIEDADE NO  
MUNICÍPIO DE TOLEDO**

CLASSES DE PROPRIEDADE	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL			
	Da área		Da propriedade	
	Grupo A (1)	Grupo B (2)	Grupo A (1)	Grupo B (2)
Classe I — Lote original intacto.....	49,9	47,2	29,1	4,3
Classe II — Lote original subdividido uma vez.....	33,6	15,2	39,8	29,8
Classe III — Lote original subdividido mais de uma vez.....	14,1	3,5	29,3	17,1
Classe IV — Propriedade de mais de um lote original.....	4,4	34,1	1,8	10,1

(1) Perímetros 1, 4, 8, 15 e 29. (2) Perímetros 30, 44 e 47.

O resumo dos padrões de propriedades dos Grupos A e B na tabela é o seguinte:

1 — O Grupo A, embora tenha 14% menos propriedades, mostra que a percentagem de área na Classe I é quase idêntica.

2 — Quando as Classes II e III são combinadas, o Grupo A mostra ter 23% mais propriedades e 30% mais área.

3 — O Grupo B tem quase 30% mais área e quase 10% mais propriedades para as da Classe IV.

Portanto, através do tempo pode se conjecturar que a área na Classe I mude levemente, embora a percentagem de suas propriedades totais diminua. As Classes II e III elevam-se em número e percentagem, enquanto as propriedades da Classe IV aumentam. Finalmente, o número total de propriedades aumenta, devido as subdivisões, embora a dimensão média das propriedades diminua.

Cuidadosos estudos de campo, revelam que a “subdivisão máxima” aconteceu em todos os Perímetros do Grupo A. Não se sabe se todas alcançaram a “subdivisão máxima” ao mesmo tempo, mas, logicamente,

os Perímetros de menores números, devem ser os de colonização mais antiga, visto que a Maripá numerou consecutivamente os Perímetros, seguindo a ordem de abertura para a colonização. A ocupação é mais recente no Grupo B e a “subdivisão máxima” ainda não ocorreu, ou provavelmente a nova lei agrária brasileira, que estipula minifúndios mínimos de 25 hectares (este tema será discutido no Capítulo 5) evite mais subdivisões.

As amostragens de Toledo não revelam os estágios de ocupação intermediária entre os Grupos A e B. Tais estágios podem ser determinados pela média dos dois grupos, mas, os estudos dos registros da Maripá e do Governo Municipal mostram que estes não ocorrem em Toledo. Ao contrário, as pesquisas de campo evidenciam que os estágios intermediários ocorrem no Município vizinho de Marechal Cândido Rondon.

#### 4.6 — Conclusão

Os padrões de posse da propriedade em Toledo sugerem que a abertura de terras ocorreu relativamente rápida, um fator importante no desenvolvimento de regiões pioneiras. Quando os “estágios pioneiros de colonização” são abreviados, o sucesso é bem mais viável, pois, uma economia agrícola-comercial exequível tem maiores chances de desenvolvimento. De outro lado, o desenvolvimento não tem sido tão rápido em Toledo a ponto de elementos negativos influenciarem. A rápida abertura de terras pode ser acompanhada por um planejamento insuficiente ou falta de planejamento, mas este não é o caso de Toledo.

Onde há um pioneirismo prolongado, (como mencionamos no Capítulo 3), aumenta a probabilidade de uma agricultura de subsistência. Logo após ter sido estabelecido alguns dos primeiros Perímetros em Toledo eles avançaram rapidamente, além dos “estágios pioneiros”. Portanto, um claro exemplo foi estabelecido, seguido então pelos Perímetros subseqüentes. Os segundos, tiveram oportunidade de aprender com os erros anteriores. Conseqüentemente, a velocidade de abertura de terras em Toledo pode ser considerada ótima, considerando o relativo sucesso deste projeto de colonização.

Os processos de pioneirismo podem ser vistos como ocorrência de “continuidade de maturação”. O grau de sucesso dos primeiros estágios afeta enormemente o “nível máximo de maturação da economia”. Por exemplo, se a colonização pioneira é muito prolongada, a maturidade máxima pode ser muito lenta. A velocidade preferível é aquela que promove mais rapidamente uma máxima maturidade econômica. O caso de Toledo mostra que a taxa ideal de progresso deve manter os objetivos iniciais de colonização. Como afirma Eidt<sup>58</sup> “... quando um sistema de uso da terra é estabelecido ... todo o desenvolvimento subseqüente é influenciado por linhas semelhantes, desde que as tendências de expansão ajustem-se ao modelo original”. Quando se nota que o progresso e desenvolvimento rápido não estão ocorrendo, medidas de correção devem ser tomadas para estimulá-los.

<sup>58</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 206.

## 5 — DIMENSÃO DAS PROPRIEDADES EM TOLEDO: II

A dimensão das fazendas, como sua morfologia são elementos básicos para análise da colonização. Desde que as dimensões das fazendas começaram a se modificar notavelmente em Toledo, pode-se fazer um estudo mais profundo deste importante elemento. Normalmente, a dimensão das fazendas depende de dois fatores básicos: as alternativas de trabalho, capital e terra, e os objetivos de desenvolvimento agrícola de uma dada região. Este capítulo tenta analisar estes fatores de uma forma que possa sugerir uma dimensão adequada para as propriedades em Toledo.

### 5.1 — Alternativas

Um fator que afeta a dimensão das fazendas é a escolha de alternativas na aplicação de trabalho e capital à terra. Em alguns lugares, a dimensão das fazendas pode ser estável. Assim, somente através do maior uso de trabalho e capital pode-se aumentar a renda agrícola. As dimensões estáveis ocorrem onde há insuficiência de capital e terra, ou quando não há oportunidade ou desejo de vender as terras.

Quando a dimensão das fazendas não é flexível, como acontece na maioria dos casos nas Américas, o emprego de trabalho e capital apresentam diferentes alternativas. Por exemplo, nos Estados Unidos o desenvolvimento agrícola resulta de despesas crescentes para mecanização e métodos aprimorados, enquanto a força de trabalho diminui. O capital é melhor aplicado no aumento da dimensão das fazendas. Isto é possível, pois os fazendeiros desejosos em adquirir mais terras podem obter capital, e os outros geralmente estão desejosos em vender suas propriedades pois encontram novas oportunidades de emprego.

No Brasil, as alternativas de emprego de trabalho, capital e terra que afetam a dimensão das fazendas são influenciadas pelos seguintes fatores: 1 — terras novas são encontradas em alguns locais a preços relativamente baixos; 2 — o País atravessa um grande desenvolvimento econômico; 3 — é tentada a modernização agrícola; e 4 — a mão-de-obra é abundante e barata.

A propensão dos fazendeiros brasileiros em mudarem-se para terras de menor custo, em vez de colonizarem permanentemente, justifica o *slogan* "Marcha para o Oeste". Historicamente, a população brasileira permanecia na costa atlântica. Somente nos últimos anos a penetração agrícola em larga escala foi tentada no interior. Assim, devido à viabilidade de terras baratas no interior do Brasil, os fazendeiros brasileiros raramente compram terras adicionais para si ou para seus filhos, para uso futuro, e a ocupação é semipermanente, assim, predominam propriedades de menos de 10 hectares.

A dimensão das fazendas é também afetada pelo grande crescimento econômico do Brasil. As pessoas estão geralmente desejosas de vender suas propriedades, quando oportunidades de obtenção de renda em atividades não agrícolas são apresentadas. Isto não ocorre no Nordeste do Brasil onde os empregos não agrícolas são muito limitados. No entanto, em lugares progressistas, como São Paulo e no norte do Paraná, a média do tamanho das fazendas aumenta, pois os fazendeiros mais

prósperos compram terras daqueles que deixam a agricultura, para aderir a outros trabalhos e mudam-se para novas áreas agrícolas<sup>59</sup>.

As condições favoráveis para a modernização agrícola são fornecidas por uma boa situação econômica e terras baratas para expansão agrícola. A modernização agrícola no Brasil está nos primeiros estágios de desenvolvimento, mas a dimensão das fazendas já foi afetada, como se verifica em São Paulo e no norte do Paraná. O Governo Federal promove tentativas de modernização agrícola e apóia a pesquisa, o crédito e a educação. Por exemplo, o Governo está apoiando a produção de trigo, na tentativa de tornar o Brasil auto-suficiente nesta produção, que adapta-se facilmente à mecanização e às fazendas de grande porte<sup>60</sup>.

Finalmente, a mão-de-obra rural, abundante e barata no Brasil, é um fator de especial importância sobre as alternativas de trabalho, capital e terra. Isto ficou demonstrado no Censo de 1970 que apresentou uma população de 95.000.000, com um crescimento de 21.000.000 no Censo de 1960, ou um aumento de 30% na última década<sup>61</sup>. As tentativas de melhorar o padrão de vida rural são difíceis, visto que a mão-de-obra barata é abundante. Os esforços para melhorar as condições de vida dos trabalhadores rurais são também pouco animadores, seja pelo baixo nível educacional, seja pela pouca oferta de empregos nos setores urbanos.

## 5.2 — Objetivos

Uma série de pontos de vista existem, referentes aos objetivos do desenvolvimento agrícola, afetam diretamente o tamanho das fazendas. Os objetivos principais dos Governos Federal e Estadual são de desenvolver uma economia moderna e diversificada, e promover uma comunidade mais viável, socialmente. Para auxiliar na promoção destes objetivos nas áreas rurais, o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) tem a meta de "... extinção gradual do minifúndio ..."<sup>62</sup>. O IBRA considera como minifúndio, as propriedades abaixo da dimensão fixada para uma tal área, ou o denominado "módulo"; para Toledo este é de 25 hectares<sup>63</sup>.

O Governo Municipal de Toledo considera as pequenas fazendas como melhores para o desenvolvimento econômico da região. Um plano municipal recente, propõe que uma agência especial seja formada a nível de Governo local para reexaminar os módulos de 25 hectares, e colocá-los sob jurisdição municipal<sup>64</sup>. O projeto salienta que uma dimensão mínima inferior é aconselhável para Toledo, pois uma renda média alta já existe entre muitos fazendeiros menores do que o mínimo aceitável atualmente. Salienta, ainda, que os 25 hectares são excessivos para uma agricultura de enxada e arado puxado a boi; que a limpeza da terra requer muito tempo e energia em uma fazenda deste

<sup>59</sup> Ver Strachan, *Bibliografia*, 31, p. 4.

<sup>60</sup> Ver, por exemplo, Souza, *Bibliografia*, 30, v. 1, p. 300.

<sup>61</sup> Ver Dickenson, *Bibliografia*, 9, p. 60.

<sup>62</sup> Ver Souza, *Bibliografia*, 30, v. 2, p. 152.

<sup>63</sup> Ver Souza, *Bibliografia*, 30, v. 2, p. 151-80, é debatido o módulo como está descrito no Decreto n.º 55.891, de março de 1965, regulado pelo Capítulo 1.º do Título I e a Seção III do Capítulo IV do Título II da Lei n.º 4.504, de 30 de novembro de 1964 (Estatuto da Terra).

<sup>64</sup> Ver *Bibliografia*, 26, p. 26-7.

tamanho; sendo a dimensão das fazendas menor nos municípios vizinhos, por que um mínimo tão alto é imposto a Toledo?; que os fazendeiros estão ansiosos em vender suas porções não utilizadas das propriedades; e que aqueles desejosos de aumentar a dimensão de suas fazendas para a mecanização seriam capazes de comprar terras adicionais dos fazendeiros desejosos de propriedades menores. Estes argumentos indicam que os representantes locais defendem as propriedades menores e a alta densidade rural para promover lucros econômicos imediatos, em vez de esperar programas governamentais de assistência que possam ou não ser implantados <sup>65</sup>.

A preferência dos pioneiros por um sistema agrícola particular e dimensão das propriedades não paraleliza-se, necessariamente, com os objetivos dos diferentes níveis de Governo e outros grupos interessados. Os fazendeiros individuais querem combinações variadas de criação-plantação, segundo suas próprias experiências, fator que afeta diretamente a dimensão das fazendas. Alguns fazendeiros estão satisfeitos com a prática de agricultura de quase subsistência, o que lhes dá um padrão mínimo de vida nas propriedades menores. Outros, ainda, desejam a mecanização a fim de praticar tecnologia moderna, e assim dar uma vida melhor a seus filhos — ambos requerem propriedades de dimensão relativamente grande. Apesar da proposta governamental, e de vários grupos interessados nos objetivos e programas, cuidadosamente pensados, os pioneiros, freqüentemente resistem às mudanças, não aceitam as possibilidades de melhoria, ou voltam-se naturalmente para seus hábitos anteriores. Por exemplo, embora a Maripá considere os lotes de 25 hectares ideais para o desenvolvimento de uma sólida economia regional, e o Governo Federal a aprova, as dimensões estão decrescendo abaixo do mínimo e aproximando-se às encontradas no sul do Brasil, local anterior de residência da maioria dos pioneiros de Toledo.

### 5.3 — Problemas relacionados às fazendas de pequeno porte

Uma séria conseqüência das propriedades pequenas é que estas inibem o sucesso permanente de uma colônia, devido ao aparecimento de indesejáveis ramificações de povoamento, como o crescimento dos filhos que desejam se estabelecer em suas próprias fazendas; o que não significa necessariamente, mudar de suas colônias-mães; aquisições de terras são feitas em distâncias consideráveis, quando não é vantajoso comprá-las nas proximidades. Isto não implica uma preferência, mas devido ao pequeno porte das propriedades na colônia-mãe. Quando os filhos deixam suas casas, eles têm três escolhas: constituir fazendas em outros projetos de ocupações; constituir fazendas em suas próprias ocupações novas; ou procurar emprego na cidade. Se desejam constituir suas próprias ocupações, provavelmente serão como em sua colônia-mãe, e o resultado final pode ser uma série de colônias, com fazendas ineficientes. Uma propriedade inicial de maior porte poderia evitar este problema, a julgar pela tendência dos pioneiros em respeitar o que aprenderam nas colônias-mães.

Surgem outros problemas, devido à posição oficial em vigor, referente ao tamanho dos lotes. Dois fatores são popularmente creditados

---

<sup>65</sup> Idem.



cômo importantes: as fazendas não deveriam ter mais terra do que aquela que pode ser cultivada; e há um mínimo de dimensão econômica, para as fazendas. As agências de planejamento freqüentemente restringem seu procedimento, alocando somente a quantidade de terra, suficiente para uma família viver; e freqüentemente dá pouca importância à possibilidade de mudanças que necessitariam de uma área maior para seus filhos, ou para a adaptação de técnicas agrícolas mais avançadas. Como foi visto no Capítulo 3, as pequenas propriedades provocam o uso ineficiente da terra, pelo uso de primitivos métodos agrícolas, a erosão e perda de fertilidade do solo, e, geralmente, a uma economia agrícola e social indesejável. O medo de que uma excessiva quantidade inicial de terra, por fazendeiros, seja esbanjadora, pode não ter fundamento, especialmente se a colônia se desenvolver rapidamente, durante os estágios iniciais. De fato, terras extras podem adaptar-se melhor às necessidades de expansão de uma área como Toledo, onde o gado de corte e leite, tão necessários, mas raramente visto, poderia contribuir para um melhor equilíbrio econômico. A fertilidade do solo poderia ser mantida da melhor forma, e haveria terra disponível para os filhos dos fazendeiros.

A medida de 25 hectares não é realística; isto é baseado nas mudanças que ocorrem atualmente em Toledo, como subdivisões de lotes em unidades muito pequenas em detrimento das necessidades futuras. A conclusão é que as fazendas de 25 hectares são muito pequenas para a mecanização a longo prazo e que aproximadamente a medida de 50 hectares seria mais realística hoje, em Toledo, assim como foi durante o planejamento inicial da Maripá. Além disso, as experiências autoridades da Argentina e da Venezuela afirmam que as fazendas de pequeno porte limitam o desenvolvimento da agricultura comercial<sup>66</sup>.

#### 5.4 — Problemas relacionados às fazendas de grande porte

A tradição mais acentuada de fazendas de grande porte no Brasil, assim como em toda a América Latina, é o sistema de latifúndio, um sistema de posse onde alguns proprietários ricos mantêm controle sobre a massa rural. O controle é feito mantendo o trabalhador rural sem terra, privado de educação básica e com baixo padrão de vida. A mão-de-obra rural não se apega nem a terra nem ao trabalho, pois, ambos pertencem a mais alguém. A terra significa, para seu proprietário, posição social e prestígio, e ele considera os trabalhadores como uma inexpressiva força de trabalho. Conseqüentemente, a produção agrícola é ineficiente e baixa. No Brasil, o latifúndio é mais dominante no Nordeste, onde predominam a criação de gado, as plantações de açúcar e a agricultura de subsistência.

Uma forma diferente de latifúndio é encontrada no centro do Brasil. Ali, onde as fazendas comerciais de café são importantes, o trabalhador é freqüentemente semi-independente, recebe salário, e sua ligação com o proprietário da fazenda não é tão forte como no Nordeste. Devido a esta independência relativa, alguns trabalhadores conseguem economizar dinheiro para comprar terras, apesar das depri-

<sup>66</sup> Ver Bibliografía, 8, p. 34-6 e Eldt, Bibliografía, 14, p. 211-2.

mentes condições econômicas. Estes assalariados rurais compreendem os núcleos de fazendas familiares no norte do Paraná<sup>67</sup>.

Outra forma de propriedade de grande porte, a fazenda familiar para a criação de gado, está se desenvolvendo no norte do Paraná. As criações de gado demandam grandes extensões de terra e, portanto, são necessárias unidades maiores. A consolidação ocorre porque os fazendeiros desejam vender suas terras quando os solos são exauridos, e os proprietários mais prósperos oferecem preços atrativos. Alguns fazendeiros vendem suas terras para comprar outras em áreas novas, somente para continuar o mesmo ciclo: abertura de novas terras, estabelecimento de fazendas familiares, e então vender as fazendas para os criadores de gado quando os solos estão esgotados. Outros, procuram novamente emprego como trabalhadores rurais, ou mudam-se para as grandes cidades; em ambos os casos, as oportunidades são limitadas e para a maioria o padrão de vida não melhora. As muitas famílias desempregadas circulando pelas estradas em todo o Paraná evidenciam o estabelecimento recente de fazendas no norte do Paraná.

As fazendas de grande porte no Brasil, relacionadas a recente consolidação no Paraná, ou latifúndio em outras partes do Brasil, beneficiam somente uma minoria da sociedade agrária. Além disso, a produção de alimentos não é elevada, e toda a economia permanece estagnada. Assim, parece que uma estrutura baseada na agricultura de fazendas de grande porte não é apropriada para o Brasil. As fazendas de médio porte forneceriam uma produção agrícola maior, e um padrão de vida melhor para uma grande proporção da população rural seria então alcançado.

### 5.5 — Passos para o estabelecimento de fazenda de médio porte

Se Toledo pretende ter fazendas de médio porte, devem ser providenciados pelo Governo, pelas cooperativas, e pelo comércio privado, serviços especiais para promover a tecnologia moderna. O fazendeiro individual não tem os recursos nem conhecimentos para a implantação da mecanização, das melhores combinações de plantação e criação, das práticas de conservação, e o uso de fertilizantes, nem quais são os melhores inseticidas e sementes. Os serviços especiais incluem educação, crédito e pesquisa agrícola.

A Educação é necessária para aumentar o conhecimento, a aceitação, e a aplicação das inovações. O Governo deve ter um papel importante na educação geral e nos programas de extensão rural. A educação nos programas cooperativistas é importante pois os níveis de tecnologia e de vida podem ser elevados substancialmente, se os colonos estiverem envolvidos. Os programas agrícolas que não envolvem os fazendeiros estão fadados ao insucesso, logo que o apoio inicialmente dado, por uma agência externa, é utilizado. As fazendas de médio porte têm pouca chance de sucesso, se a população não estiver educada, e se não forem criados canais para a divulgação de informações.

As fazendas de médio porte também não podem obter sucesso sem crédito suficiente para os fazendeiros individuais, mesmo sendo eles educados e ativamente envolvidos no aprimoramento das condições.

---

<sup>67</sup> Ver Strachan, *Bibliografia*, 31, p. 2.

O crédito é necessário para comprar terras e empregar novos métodos, nos estágios iniciais ou seguintes de desenvolvimento. Se não há crédito disponível, o fazendeiro deve voltar-se a métodos agrícolas primitivos. Por esta razão, é fácil verificar porque as propriedades são subdivididas, resultando em padrões de difícil dissolução no futuro. No caso de Toledo, os lotes planejados inicialmente de 25 hectares eram considerados suficientemente grandes para estimular uma tecnologia moderna. No entanto, surgiram as propriedades menores, o que em parte, pode ser atribuído a falta de crédito. Assim, Toledo é um exemplo de efetiva redução de um cuidadoso planejamento inicial, causado pela posterior falta de estímulo. De fato, as afirmativas de Eidt sobre *Misiones* são agora aplicáveis a Toledo:

“... a velocidade é essencial ao sucesso da ocupação pioneira; assim, métodos apropriados de estímulo, devem ser sempre empregados, assim que se percebe, que a velocidade inicial de desenvolvimento começa a diminuir”<sup>68</sup>.

Uns podem acrescentar que a forma direta inicial de estímulo, deve ser o crédito amplo, a fim de que os pioneiros possam adaptar-se rapidamente, a nova região, com um lote médio produzindo os melhores resultados a longo prazo.

Adequadamente estimuladas, talvez as fazendas de médio porte e a moderna tecnologia possam ainda ser estabelecidas em Toledo. Isto requer, entre outras coisas, a consolidação imediata — uma tarefa difícil. Muitos fazendeiros estão contentes com seus atuais padrões de vida, e consideram os modernos métodos de agricultura acima de suas condições. Outros não acreditam nos passos cooperativistas, necessários para o avanço tecnológico. Os indivíduos que desejam expandir sua propriedade e seus investimentos de capitais, podem obter terras de outros que acham a competição muito difícil, ou que são tentados com ofertas altas para vender e deixar Toledo em busca de terras novas, e mais baratas. O problema com este tipo de consolidação é que isto só acontece depois que o solo está depredado e erodido, e começam as grandes operações de gado. Se houvesse uma tentativa de consolidação imediata, as fazendas de porte médio poderiam ser estabelecidas, antes desta ocorrência. No entanto, o Governo brasileiro tem uma política geral de “*laissez-faire*” na economia agrícola, tornando improvável a possibilidade de tal mudança através do controle oficial. A consolidação imediata, que necessitaria da mudança de algumas pessoas para diferentes áreas, poderia ser conseguida, se controles governamentais mais fortes, fossem iniciados — uma atitude razoável, visto que o Brasil tem áreas imensas para a colonização. Tal atitude certamente seria melhor do que esperar até que as pessoas fossem forçadas a se deslocar devido a exaustão e erosão do solo. De qualquer forma, o Brasil deve fazer frente ao fato de que novas terras não estarão disponíveis para sempre e que a destruição contínua do solo em pequenas propriedades deve ter um fim.

## 5.6 — Conclusão

Este capítulo mostra a existência de amplas e viáveis escolhas alternativas para o desenvolvimento agrícola de Toledo, e que grupos

<sup>68</sup> Ver Eidt, *Bibliografia*, 14, p. 206.

e pessoas de diferentes interesses, têm objetivos e preferências variadas — fatores que afetam diretamente a dimensão das propriedades. A questão é, que dimensão predominará no futuro, nesta jovem colônia?

São três as possibilidades: minifúndio: propriedades de pequeno porte, semelhantes às do sul do Brasil; consolidação das fazendas em unidades de grande porte, como é tradicional em São Paulo e Minas Gerais e já agora começando no norte do Paraná; ou o predomínio de fazendas de médio porte. As tendências atuais sugerem que Toledo está seguindo o modelo do minifúndio, estabelecido no sul do Brasil. Isto é compreensível, pois há predomínio de colonos do sul do Brasil que herdaram métodos e práticas agrícolas que induzem às unidades de pequeno porte. Embora, até o momento, a tendência esteja dirigida ao minifúndio, há uma possibilidade de consolidação futura de grandes fazendas, pois Toledo é cercada de pioneiros do norte do Paraná, São Paulo e Minas Gerais. Eles, por tradição, estabelecem pequenas propriedades, e portanto mudam-se, quando os solos estão exauridos. As antigas pequenas propriedades são então consolidadas para operações de larga escala de ricos compradores de terras.

A atual tendência, quanto a dimensão das fazendas, deve ser interrompida em Toledo, assim como em muitas outras partes do Brasil, se as condições econômicas forem substancialmente aprimoradas. As economias agrícolas, baseadas primariamente tanto em propriedades de pequeno ou grande porte, freqüentemente não contribuem muito para a economia do Brasil. Somente um número limitado de pessoas, em tais sistemas agrícolas, são beneficiadas economicamente, e isto é devido, freqüentemente, à exploração dos trabalhadores rurais. O segmento industrial não pode desenvolver-se sem um grande setor consumidor. Se o componente rural deste setor não estiver em boas condições econômicas, o setor urbano não será beneficiado e se o contrário acontecer, o setor urbano será grandemente beneficiado e, em troca, os produtos agrícolas terão mercado e a situação econômica global estará aperfeiçoada. No entanto, em ambos os casos, fazendas extremamente grandes ou extremamente pequenas, uma alta porcentagem da população está efetivamente à parte da economia, e a estagnação econômica prevalece para a grande maioria.

## **6 — FUNÇÕES NA COLÔNIA: VIDA ECONÔMICA EM TOLEDO**

Os métodos de cultura empregados em Toledo, são o plantio de substância primitiva com uso de enxada ao uso dos mais modernos tratores, mas o predomínio é o gado e o arado, nesta economia orientada para o milho. Como Toledo está em um estágio máximo de pioneirismo (com uma grande variedade de métodos agrícolas) deve-se apresentar uma questão: a economia se tornará estagnante ou se desenvolverá em um modelo de colonização agrícola completo, com integração vertical. Se Toledo desejar alcançar um alto nível de tecnologia agrícola, a ajuda externa é necessária. Este capítulo examina os níveis atuais da agricultura e os passos necessários para aumentar substancialmente o padrão de vida dos colonos que ainda não alcançaram níveis operacionais, além dos estágios pioneiros.

## 6.1 — Equipamentos agrícolas

O arado puxado a gado e a enxada são os instrumentos agrícolas básicos, em Toledo. Só recentemente, foram introduzidos o trator e o maquinário associado. Em todo o oeste do Paraná, calcula-se haver 200 tratores em 52.000 propriedades. O uso do arado e do gado é restrito aos estágios iniciais de limpeza da terra, devido ao grande número de estacas, raízes e toras nos campos. Frequentemente, há um espaço de quatro anos entre o início da limpeza e o uso de arado. Este espaço, e o fato de que a média que um homem pode trabalhar com arado é somente de 5 hectares, e com a enxada, de 3 hectares, significa que alguns colonos preferem a enxada<sup>69</sup>. O arado tem a desvantagem de acelerar a erosão do solo, além da necessidade de pastos, numa já pequena propriedade.

A limpeza é feita pelo próprio colono, ou um paraguaio contratado. Primeiro, os arbustos e os galhos são cortados com uma foice. As árvores são talhadas com um machado, para controlar a direção da queda das árvores, e só então são serradas por uma serra manejada por dois homens. Algumas vezes as árvores maiores são deixadas para uso futuro. A madeira fica secando por vários meses, e só então é queimada. Após uma queima comumente incompleta, os ramos restantes são cortados. Então, as primeiras plantações são feitas entre os troncos e ramos enegrecidos. Os colonos acreditam que as árvores apodrecidas enriquecem o solo, mas o cultivo de 10 a 15% da área do campo pode ser retardado por vários anos até que os troncos e ramos se decomponham<sup>70</sup>.

Um outro equipamento é a carroça manual ou de boi para o transporte dentro da fazenda. Cerca da metade dos colonos tem pequenas debulhadeiras de trigo e soja. A colheita é feita exclusivamente à mão; arroz, trigo, alfafa e gramíneas são cortadas com foicinhas; o milho é tirado manualmente; e uma enxada é usada para tirar a mandioca<sup>71</sup>.

## 6.2 — Economia agrícola: a comercialização da suinocultura

A economia agrícola em Toledo baseia-se, primeiramente, na suinocultura e nas colheitas de milho, mandioca e soja. Os criadores de suínos só produzem 2/3 do milho necessário, e compram o resto de outros produtores, assim, o milho é uma colheita importante para os outros fazendeiros em Toledo e nos municípios vizinhos<sup>72</sup>. Mais de 90% dos fazendeiros criam suínos, mas somente 70% os criam comercialmente<sup>73</sup>. Num dado momento, uma típica fazenda de suínos, para fins comerciais, tem cerca de sete porcas, 30 leitões, 26 porcos e um barrão, para um total de 90 a 100 porcos durante um período de um ano. Em média, 52 porcos são comercializados por ano. O tipo predominante é o Duroc (71%), em seguida vem o Landrace (19%), e os

<sup>69</sup> Ver Elfes, *Bibliografia*, 15, p. 26 e 28.

<sup>70</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 51-2.

<sup>71</sup> Ver Elfes, *Bibliografia*, 15, p. 29.

<sup>72</sup> Ver Levantamento Estatístico da Produção Agropecuária do Oeste Paranaense — Toledo, realizado pelo Frigorífico Pioneiro S.A., p. 67.

<sup>73</sup> Idem, p. 71.

mistos (10%)<sup>74</sup>. A maioria dos fazendeiros tomam precauções contra doenças como tifoide, pneumonia-enteriti, e cólera<sup>75</sup>. Cerca de 50% dos criadores de suínos usam sobras e 70% compram milho como suplemento ao que plantam em suas fazendas<sup>76</sup>. Os suínos alcançam o peso de mercado em cerca de 11 meses, quando são transportados para abate em caminhão.

O milho é freqüentemente interplantado com a mandioca e algumas vezes com a soja, nas fazendas suinícolas. A mandioca é plantada em intervalos de aproximadamente 1 metro, enquanto o milho é plantado entre as filas de mandioca em intervalos de 0,5 metro<sup>77</sup>. Em média, uma fazenda produz aproximadamente 2.500 quilogramas por hectare de milho em 7 ou 8 hectares, o que dá um rendimento anual de aproximadamente 300 sacas (uma saca igual a 60 kg). Normalmente são colhidas em 3 hectares de 35 a 40 sacas de soja, ou um rendimento de 720 quilogramas por hectare. Em média, 150 sacas de milho são compradas, para completar a produção dos próprios criadores de suínos<sup>78</sup>. A complementação alimentar vem de fora da região de Toledo, o que soma aos custos dos proprietários médios, assim, somente alguns colonos conseguem pagar a alimentação recomendada para os suínos. Isto é um exemplo do quanto é necessário uma maior integração vertical da economia agrícola de Toledo. Se os fazendeiros plantassem a maioria das colheitas necessárias à alimentação de suínos, e se as indústrias de processamento agrícola fossem expandidas, então o colono poderia comprar rações especiais com custos menores, a produção de suínos seria melhorada, e mais lucros seriam alcançados.

Pode-se verificar pela tabela 12 que a mão-de-obra familiar predomina nas fazendas. Entre as famílias de descendência alemã e italiana, as mulheres e crianças trabalham junto com os homens. Os salários relativamente mais altos dos trabalhadores nas construções, nos moinhos, os mecânicos e trabalhadores das serrarias, limitam os empregos de braços na lavoura, que consistem principalmente de braços migrantes e um pequeno número de paraguaiois.

TABELA 12

**DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO PESSOAL OCUPADO NAS FAZENDAS DO MUNICÍPIO DE TOLEDO**

ESPECIFICAÇÃO	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL
Fontes de forças de trabalho	
Famílias de fazendeiros.....	90
Trabalhadores temporários .....	5
Trabalhadores permanentes .....	5
Divisão da mão-de-obra	
Homens adultos.....	52
Mulheres adultas.....	32
Menores de 15 anos de idade.....	16

<sup>74</sup> Idem, 65.

<sup>75</sup> Ver Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 60-1.

<sup>76</sup> Ver *Levantamento Estatístico*, p. 65.

<sup>77</sup> A carpa, p. 16.

<sup>78</sup> Ver *Levantamento Estatístico*, p. 67.

### 6.3 — Indústrias de processamento agrícola

A maioria das indústrias de processamento agrícola em Toledo atende somente às necessidades locais. Muitos produtos que saem da região não são processados. Por exemplo, o arroz é processado para a área imediata, mas os excessos são embarcados com casca. A mandioca e o milho servem como ração para os porcos, ou são transformados em farinha para uso local. A produção regional de soja cresce a cada ano. Por exemplo, entre 1967 e 1969, a área plantada de soja numa área de quatro Municípios, incluindo Toledo, aumentou em aproximadamente 400% ou seja de 6.500 para 35.700 hectares. A prática de embarcar soja não processada de Toledo, e receber então produtos de outras regiões, como ração processada para suínos, implica em custos adicionais aos produtores. Além disso, cerca de 20% da soja produzida em Toledo é dada diretamente aos porcos, um antieconômico uso da soja. Portanto, uma das grandes desvantagens é a ausência de uma fábrica de processamento de óleo de soja. A construção de uma foi quase completada no Município vizinho de Marechal Cândido Rondon, mas foi abandonada devido a atritos entre os membros da cooperativa<sup>79</sup>.

O desenvolvimento limitado das indústrias de processamento agrícola em Toledo resulta em baixo preço dos produtos agrícolas mandados para outras regiões, altos preços para os produtos adquiridos, e falta de oportunidades de empregos não agrícolas.

Os produtos agrícolas de Toledo são freqüentemente vendidos a preços mais baixos do que em outras partes do Paraná. Os custos de transporte são mais elevados devido às maiores distâncias dos consumidores e dos mercados industriais. Por exemplo, em 1967, os preços recebidos pelas colheitas como uma percentagem da média do Estado do Paraná foram os seguintes: arroz, 91%; feijão, 89%; milho, 82%; soja, 97%; e trigo, 92%<sup>80</sup>. Inversamente, os preços são freqüentemente maiores para as mercadorias trazidas para Toledo, novamente devido aos altos custos de transporte. Isto acontece na maioria das vezes com produtos que são daqui mandados para outras regiões somente para serem processados, e depois retornarem a Toledo. Estas injustiças seriam reduzidas e em alguns casos eliminadas, se Toledo tivesse mais indústrias de processamento. Além disso, os subprodutos agrícolas e materiais residuais de porcos, trigo e soja permaneceriam em Toledo em vez de serem perdidos para outra região ou voltarem com custos adicionais na forma de produtos processados. A falta de indústrias de processamento agrícola resulta também em limitadas oportunidades de emprego não agrícolas. Deve haver viabilidade ou as pessoas são forçadas a deixar a região e procurar emprego fora. As indústrias de processamento podem fornecer os empregos necessários, assim como estimular uma economia mais equilibrada.

A indústria de processamento agrícola mais importante em Toledo é uma fábrica de embalagem de carne, denominada Frigorífico Pioneiro, filial da Sadia, uma grande companhia nacional. Aproximadamente 20% dos porcos produzidos no local são abatidos nesta indústria<sup>81</sup>. Seu

<sup>79</sup> Ver Elfes, Bibliografia, 15, p. 21 e Anexo 7.

<sup>80</sup> Idem, p. 22.

<sup>81</sup> Entrevista com o Dr. Pedrinho Furlan, Diretor do Frigorífico Pioneiro — Sadia, Toledo, 31 de julho de 1970.

impacto é mostrado através de um mercado estável para os porcos produzidos no local, pelos empregos não agrícolas, pessoas educadas e treinadas e pelas inovações introduzidas, e ainda pelo dinheiro mantido em Toledo, e que em caso contrário, iria para outros lugares. A indústria emprega 426 pessoas e os projetos imediatos são de aumentar este número em cerca de 20%. Adicionalmente, motoristas e compradores são contratados, estendendo assim a força de trabalho para além da própria indústria.

Antes de 1964, o Frigorífico Pioneiro pertencia e era operado por um grupo de colonos. No entanto, os problemas de produção e comercialização estavam acima da viabilidade de capital e tecnologia de gerência, e a indústria foi vendida à Sadia, que investiu imediatamente grandes somas para modernizar completamente o frigorífico e expandir suas operações. Conseqüentemente, desde 1964, a produção elevou-se enormemente (Tabela 13). A indústria abate atualmente entre 500 e 700 porcos por dia e planeja aumentar para 1.000. O abate mensal tem estado entre 9.000 e 18.000 e aumentará com as expansões propostas.

TABELA 13

**SUÍNOS ABATIDOS PELO FRIGORÍFICO SADIA<sup>1</sup> NO MUNICÍPIO DE TOLEDO**

ANOS	SUÍNOS ABATIDOS	ANOS	SUÍNOS ABATIDOS
1964 (2).....	21 519	1966.....	76 206
Janeiro a junho	3 921	1967.....	114 664
Julho a dezembro	17 598	1968.....	149 644
1965.....	51 730	1969.....	173 401

(1) Dados obtidos através da Di. P. Furlan, Frigorífico Pioneiro, julho de 1970. (2) A Sadia comprou o Frigorífico Pioneiro em 9 de julho de 1964.

A indústria está localizada a cerca de 2 quilômetros da Cidade de Toledo. Um ônibus é cedido para os empregados que moram na Cidade. A Companhia construiu 14 casas para empregados, que forma um tipo único de ocupação linear. Esta vila, localizada no outro lado da rua na frente da fábrica, é para os trabalhadores que devem estar nas proximidades em caso de uma pane no equipamento de refrigeração.

O maior problema da indústria é que os caminhões não podem viajar em estradas lamacentas durante os períodos de chuvas fortes. No entanto, as chuvas raramente acontecem por mais de três ou quatro dias, e portanto a companhia geralmente pode manter os empregados trabalhando com uma reserva de pedidos. A estrada entre Toledo e Cascavel deveria ter sido pavimentada em 1972, permitindo a circulação de câmaras frias em qualquer tipo de clima<sup>82</sup>. Entretanto, o problema de pegar os suínos nas fazendas para entregar na indústria durante os dias chuvosos, continuará.

<sup>82</sup> Idem.



Mensalmente, a Sadia carrega de 35 a 40 câmaras frias (580 a 600 t) e de 60 a 70 caminhões comuns, os últimos carregados com carne salgada e defumada.

Os suínos não abatidos pela Sadia são geralmente enviados a Cidades maiores como São Paulo e Rio de Janeiro, 1.300 e 1.800 quilômetros, respectivamente, de Toledo. O transporte de suínos vivos resulta, geralmente, em prejuízo ou morte, além dos altos custos de transporte, superiores ao transporte de carcaças resfriadas. Há, portanto, uma grande perda financeira em Toledo quando estes suínos são processados em outros locais.

A Sadia expandiu o mercado de suínos embarcando porcos congelados de Toledo para a Europa e Japão<sup>83</sup>. Isto exemplifica as grandes melhorias na produção, comercialização e transporte. A refrigeração tornou o transporte de carcaças mais econômico do que suínos vivos. A Sadia forneceu o capital e o conhecimento técnico para todas as operações de produção e comercialização. Uma moderna rodovia pavimentada estende-se de Paranaguá, na costa Atlântica, a Foz do Iguaçu, na fronteira Brasil-Paraguai. Esta rodovia tem acesso a Toledo por uma estrada de terra de 40 quilômetros de Cascavel. Uma rodovia pavimentada continua de Curitiba (a 60 km a leste de Paranaguá) a São Paulo e Rio de Janeiro.

#### 6.4 — Sistemas de campo: sul do Brasil

O sistema de rotação de terras do sul do Brasil (algumas formas ocorrem em Toledo) é de certo modo semelhante à tradicional agricultura mutável, exceto, por ser praticada dentro dos limites das propriedades. Rothwell<sup>84</sup> refere-se a este sistema como "... rotação de culturas dentro da rotação de terras". O solo rende bem durante os primeiros anos após a limpeza e a queima das florestas. No entanto, quando o solo é exaurido, é utilizado para pastos por alguns anos, permite-se depois disso, o desenvolvimento da capoeira. Estando o solo esgotado pela plantação, outra parte da propriedade é limpa, é feita a queimada, e as culturas são plantadas. Quando todas as florestas estiverem derubadas o processo continua com a limpeza e queima da capoeira, plantação, reversão para pastos, e retorno à capoeira<sup>85</sup>.

Entre alguns fazendeiros, como os italianos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, o processo destrutivo de rotação de terra é sabidamente evitado pelo plantio permanente de colheitas como a uva<sup>86</sup>. Embora seja uma forma racional de uso da terra, pouco se faz para restaurar a fertilidade do solo e a demanda de uva e vinho é muito pequena no Brasil.

#### 6.5 — Sistemas de campo: Toledo

Nestes estágios iniciais é difícil descrever o desenvolvimento de um sistema de rotação de terra em Toledo. Cerca de 40% da área

---

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Ver Rothwell, *Bibliografia*, 28, p. 50.

<sup>85</sup> Ver Roche, *Bibliografia*, 27, p. 286-96.

<sup>86</sup> Ver Rothwell, *Bibliografia*, 28, p. 49.

permanece sob floresta e as ocupações mais antigas têm menos de 20 anos<sup>87</sup>. A limpeza ocorreu somente em terras de plantio e pastos, ainda sem capoeira. Portanto, o círculo completo de rotação da terra ainda não se desenvolveu, os solos ainda não foram exauridos e a erosão ainda não aconteceu, e as mudanças dos padrões e combinações de plantio ainda não ocorreram. Além disso, os padrões de uso da terra em Toledo são de certo modo diferentes dos encontrados no sul do Brasil. A uniformidade dos solos e a topografia levemente ondulada, permitem a utilização total da área. A moderna tecnologia, que não é disponível em grande parte do sul do Brasil, principalmente nos primeiros estágios de desenvolvimento, é implantada em Toledo. O fato da Maripá ter selecionado os colonos mais progressistas do sul do Brasil resultou em técnicas de plantio mais aprimoradas como a rotação de cultura e a utilização limitada de fertilizantes. Inversamente, na maioria do sul do Brasil, as pequenas propriedades resultantes de herança e da prática de exaustão e erosão dos solos causaram uma relativa estagnação dos métodos agrícolas, e a rotação de terra persiste no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Um sistema de rotação de três campos é empregado em Toledo com três lotes limpos, dois com culturas e um com pasto. Estes são alternados periodicamente; por exemplo, um pode ser de trigo, alfafa e soja, outro de milho interplantados com mandioca e o terceiro de pastos. As safras e os pastos são geralmente alternados a cada dois anos. O sistema funciona bem em Toledo, onde 37% da terra limpa é cultivada, e 18% são mantidas como pastos, o resto é floresta<sup>88</sup>. Existem numerosas variações de tipos e quantidades de culturas e pastos, e de período de tempo entre as rotações. Nas fazendas menos progressistas, os períodos de rotação são maiores, a exaustão do solo ocorrerá, e toda probabilidade da capoeira surgirá, assim que a terra for abandonada.

O fato importante na mudança das funções do campo é que a mecanização ganhando apoio em Toledo, os fazendeiros mais prósperos pedirão mais terras. Provavelmente, os fazendeiros menos progressistas, como já arruinaram suas próprias terras, serão atraídos pelos altos preços e venderão suas propriedades para mudarem-se para outros lugares. Isto impediria a rotação de terra, e métodos modernos, envolvendo a rotação de cultura e aplicação de fertilizantes seriam implantados. Inversamente, se a mecanização e modernização da agricultura falhar, a rotação de terra e seus problemas relacionados podem eventualmente dominar. As tendências atuais sugerem que os esforços cooperativista por um núcleo de colonos progressistas podem ter sucesso no estabelecimento de uma moderna tecnologia agrícola, e Toledo pode ser salvo de padrões indesejáveis de utilização da terra que predominam em algumas partes do sul do Brasil.

## 6.6 — Assistência agrícola

A fazenda familiar é geralmente aceita como ideal para os projetos de colonização agrícola. No entanto, as agências de organização de assistência em larga escala à família dos fazendeiros são necessárias,

<sup>87</sup> Entrevista com o Dr. Furlan, 31 de julho de 1970.

<sup>88</sup> Acarpa, p. 6.

especialmente no início. Isto inclui mecanização, pesquisa, assistência técnica, processamento de safras, comercialização, crédito e compra de suprimentos. A ausência de tal auxílio pode conduzir à queda da colonização.

Em Toledo, tais serviços são até certo ponto vantajosos. Durante os primeiros estágios de ocupação, a Maripá deu muita assistência e liderou os pioneiros. Firms privadas assumiram, subseqüentemente, a maioria das funções iniciais da Maripá. Por exemplo, alguns funcionários da Maripá e uma série de colonizadores formaram uma companhia separada, denominada Empório Toledo Ltda., para implantar com uma loja de departamentos em Toledo e filiais em vilas distantes, assim como para estabelecer pequenas indústrias e outras empresas comerciais<sup>89</sup>. Mais recentemente, o Governo Municipal assumiu um papel ativo nas antigas funções da Maripá. Os Governos Estadual e Federal também tornaram-se ativos em pesquisas, assistência técnica e crédito em Toledo, assim como no resto do Brasil.

É altamente significativo o fato de os colonizadores trazerem seus próprios capitais para Toledo. Está acima da capacidade de uma agência de colonização, seja ela privada ou governamental, fornecer todo o capital necessário. Capitais fixos devem ser fornecidos pela agência para estradas principais, ferramentas e criação de gado, mas capitais adicionais para a construção de casas, limpeza da terra, construção de escolas, de hospitais e de estradas secundárias, geralmente estão em falta. Conseqüentemente, os pioneiros devem fornecer todo ou parte do capital para tais tipos de necessidades, e os colonos com seus próprios capitais podem reduzir enormemente o tempo gasto nos primeiros estágios de pioneirismo. As agências de colonização não permitem acreditar que fornecendo capital fixo, o sucesso surgirá automaticamente. Elas devem pelo menos fornecer parte do capital de trabalho também, ou escolher os colonizadores que têm este capital ou que podem obter empréstimos, como aconteceu com alguns dos colonos de Toledo.

## 6.7 — Cooperativas

As tentativas recentes de modernizar a agricultura de Toledo têm requerido grandes somas de capital. A assistência governamental é geralmente inadequada, assim, os colonos formaram cooperativas. Em 1970, os colonos dos Municípios de Toledo, Marechal Cândido Rondon e Palotina formaram uma grande cooperativa<sup>90</sup>. No entanto, quando este estudo foi feito, o grupo parecia ser a favor de uma divisão do grupo em três cooperativas separadas, para permitir maior autonomia local, embora os a favor da uma só grande cooperativa, sintam que o tamanho, seja um elemento importante de força e influência. Haviam 260 membros em 1970, e esperava-se aumentar para 500. As taxas incluem um mínimo de Cr\$ 200 (aproximadamente US\$ 40) anuais

<sup>89</sup> De acordo com Oberg, *Bibliografia*, 24, p. 26, a MLC foi estabelecida graças a ajuda das seguintes companhias independentes: Auto Mecânica Toledo Ltda; Beneficiadoras de Madeiras Ltda; Agro Industrial do Prata Ltda. e Industrial de Máquinas Toledo Ltda.

<sup>90</sup> Entrevista com Frederico Paul Heinrich Esenberg, fazendeiro. Em 1.º de agosto de 1970.

e um adicional de Cr\$ 20 por hectare, quando um fazendeiro tenha mais 10 hectares cultivados.

As metas principais da cooperativa são fornecer educação agrícola, uma ronda de reparos mecânicos equipada com rádios, facilidades para armazenagem das safras, crédito, venda das safras, e compra de sementes, fertilizantes, inseticidas, para suprimento das fazendas. Um centro de treinamento para reuniões, aulas, filmes e exibições será construído. Uma oficina modelo e um barracão de ordenha para demonstração, estão nos projetos do planejamento. Um armazém para trigo já foi construído e há planos para um moinho de trigo. O apoio financeiro para a cooperativa vem das taxas dos membros e um empréstimo de uma agência governamental da Alemanha Ocidental, nada dos Governos Estadual ou Federal, embora estes, encoragem o empreendimento.

O Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) tem como meta principal, a formação de cooperativas rurais no Brasil<sup>91</sup>. A importância desta cooperativa é que servirá de exemplo para outros colonos que poderão verificar a viabilidade do aprimoramento dos métodos agrícolas, através dos esforços cooperativistas.

## 6.8 — Conclusão

Neste capítulo, foi salientado que o desenvolvimento agrícola em Toledo tem crescente estabilidade, a integração vertical começa a surgir com a ajuda de indústrias de processamento agrícola e que as modernas técnicas de agricultura estão sendo ali introduzidas. Além disso, observamos, que o Governo forneceu a estrutura para os serviços de apoio como crédito, educação, assistência técnica, transporte e pesquisa agrícola. Contudo, parece haver evidências de que o desenvolvimento econômico aumentará a lacuna entre os colonos que desenvolvem modernas técnicas de agricultura e aqueles que continuam com os métodos tradicionais. A questão é saber se os colonos médios receberão assistência suficiente, para mudar seus métodos. Isto depende da formação de cooperativas pelos próprios fazendeiros, e saber ainda, se podem ser tomadas medidas para reverter as tendências de subdivisão das fazendas, que vão contra a introdução de moderna tecnologia agrícola.

## 7 — CONCLUSÃO

Esta análise geográfica da ocupação pioneira de Toledo representa a tentativa de retratar os elementos mais significativos da moderna ocupação agrícola na América Latina. A identificação destes elementos visa esclarecer os modernos processos de colonização. O sucesso de uma moderna colonização depende principalmente de dois fatores: a adaptação dos colonizadores às novas terras e a velocidade com que a agricultura comercial é desenvolvida. Estas dependem da posição do projeto de colonização, da seleção dos colonizadores, do método de intitulação da terra, da morfologia da ocupação, da dimensão das colônias e do

---

<sup>91</sup> Ver Souza, *Bibliografia*, 30, v. 2, p. 3-78.

papel que a função colonizadora desempenhar, na integração vertical e regional no desenvolvimento da colonização.

### 7.1 — Posição do projeto de colonização

O principal obstáculo no começo da ocupação em Toledo foi a falta de acessibilidade e não as condições físicas ambientais desfavoráveis, e assim que uma estrada foi construída, este problema foi resolvido. Os solos férteis de terra roxa, o clima subtropical, a topografia levemente ondulada, e a proximidade da rede fluvial, fizeram da área um local ideal para o estabelecimento de uma colonização pioneira. A questão, portanto, não era se a localização era adequada à colonização, mas o que poderia ser feito, com a necessária acessibilidade e com o tipo certo de pioneiros.

### 7.2 — Seleção dos pioneiros

Muitos projetos de colonização, especialmente governamentais, nem sempre limitam a seleção dos colonos a um grupo culturalmente homogêneo. Toledo teve a vantagem de ser desenvolvida por uma Companhia de terras privada, que escolheu a dedo os seus colonizadores. Estes eram descendentes de alemães e italianos do sul do Brasil, e em grupos muito menores, japoneses e poloneses, assim como alguns outros imigrantes europeus. A homogeneidade cultural destes grupos tem sido mantida, e tem sido o elemento chave do sucesso de Toledo. Muito há ainda a ser aprendido desta justaposição de essências tão sólidas: de colonos que falam a mesma língua, que têm costumes sociais iguais, mesmas cidades natais e que possuem uma organização e experiência cooperativista altamente desenvolvida. Os colonos sem tais qualificações não foram recrutados ou atraídos para o projeto devido ao custo das terras e também porque não houve publicidade sobre as vendas de terras. Conseqüentemente, os grupos de colonos do sul do Brasil trouxeram a Toledo traços especiais de cultura que facilitaram a abertura de terras.

### 7.3 — Intitulação das terras

As disputas de terras, propriedades incertas, especulação, exigências fraudulentas, e posseiros são todos muito conhecidos nas zonas pioneiras da América Latina. A Maripá evitou estes elementos negativos, adquirindo propriedade de uma vasta área de terra que era quase completamente desabitada e subdividindo-a depois em lotes individuais, corretamente mensurados, mapeados e descritos em detalhes, nos títulos de propriedade. Somente após a realização destas tarefas, foi permitido que os colonos tomassem posse de suas novas propriedades. Como resultado, não houve por enquanto disputas sobre as terras da Maripá. Inversalmente, os colonos das áreas vizinhas contam histórias de várias disputas, padrões incertos de ocupação, e insegura propriedade das terras. Somente com um sistema de intitulação correto, resultado de uma mensuração precisa e mapeamento detalhado, os colonos podem estar seguros do senso de permanência necessário na contribuição do progresso.

#### 7.4 — Morfologia da ocupação

A forma de campos em longos lotes, tão comum em todo o sul do Brasil, foi adotado pela Maripá, em Toledo. Este adapta-se perfeitamente à topografia ondulada e à rede de rios próximos que permite uma distribuição uniforme de declives e solos, uma rede eficiente de estradas e boas comunicações. O resultado foi uma ocupação linear com as instalações das fazendas, localizadas ao longo das estradas que eram geralmente perto dos rios, ou menos freqüente, separadas. Ocasionalmente, aparecem vilas, graças à divisão sublongitudinal da terra e das nascentes dos rios. Áreas centrais para vilas e pequenas cidades foram separadas, onde ocupações em forma de grade foram estabelecidas. As cidades pequenas foram circundadas por pequenas propriedades quadradas de 2,5 hectares denominadas chácaras, que podem, no futuro, ser divididas facilmente em lotes urbanos. A subdivisão das chácaras para a expansão urbana elimina a necessidade de dissolver as fazendas regulares. Assim, a forma de ocupação em fazendas de longos lotes combinou com o tipo quadrado urbano, o que facilitou uma boa integração de transportes e outras facilidades que são, agora, disponíveis a todos os proprietários rurais de Toledo, que somam hoje 12.500 famílias.

#### 7.5 — Dimensão das ocupações

Em todo o Brasil e no resto da América Latina, os perigos do latifúndio e minifúndio são aparentes. Em Toledo, primeiro pelos planejadores da Maripá, e mais recentemente pelo IBRA, tentativas foram feitas para estabelecer fazendas de médio porte de 25 hectares, num esforço de ajudar a população rural a contribuir para uma economia nacional viável. No entanto, a necessidade de aumentar a dimensão das fazendas para mais de 25 hectares tornou-se óbvia com as modernas técnicas agrícolas que são implantadas em Toledo. Portanto, a menos que medidas oficiais sejam executadas para limitar a subdivisão das propriedades existentes, ou a consolidação das propriedades em superpropriedades por alguns proprietários ricos, há pouca esperança de absorção de um grande segmento desta sociedade agrária em uma economia nacional efetiva. A maior oportunidade para adotar uma política a favor das fazendas de médio porte foi proporcionada durante os primeiros anos de desenvolvimento em zonas pioneiras como Toledo.

#### 7.6 — Funções na colônia: integração vertical e desenvolvimento regional

Outro aspecto envolvendo a forma e tamanho das ocupações é o desenvolvimento total de um padrão de ocupação misto em Toledo. A área da Maripá tem 2.900 km<sup>2</sup> ocupados por aproximadamente 18.000 fazendas que são integradas em um padrão de ocupação total servido por cerca de 30 vilas (pequenos grupos de ocupações), 15 vilas e cidades e dois centros urbanos. Este padrão de ocupação altamente misto é uma indicação da força e crescimento econômico e tem sido essencial no aparente sucesso de Toledo.

A produção agrícola também indica o rápido crescimento. Dados tabelados mostram a importância do milho, mandioca, e da produção

de suínos e em menor importância do arroz, soja e trigo. De 1960 a 1967, a área total cultivada em Toledo aumentou em cinco vezes, de 16.177 para 76.900 hectares. Durante o mesmo período, a produção de suínos elevou-se em mais de 330%, de 122.000 para 526.000. Os dados de 1965 a 1969 mostram que em quatro Municípios, incluindo Toledo, a área destinada ao milho aumentou em 270%, de 27.660 para 103.000 hectares.

As indústrias de processamento agrícola, especialmente as associadas com suínos, também estão aumentando a produção e têm potencial para futuras expansões. Por exemplo, a decisão de uma grande Companhia nacional (Sadia) de estabelecer em Toledo uma das maiores e mais modernas instalações de embalagem de carne na América Latina demonstra a grande confiança na região. Uma subsidiária da Maripá estabeleceu outra indústria de embalagem de carne no Município de Marechal Cândido Rondon, indicando a influência do sucesso de Toledo nas áreas vizinhas.

Apesar do aparente sucesso da economia de milho e suínos, os colonos têm um padrão de vida geralmente baixo e limitadas oportunidades para aprimoramento. Os programas governamentais e o crédito não beneficiam os colonos médios. Os preços dos produtos agrícolas estão sujeitos a flutuação do mercado, e os homens de classe média têm muitas vezes seus lucros diminuídos. As cooperativas agrícolas parecem ser a solução para estes problemas. As cooperativas comprando os suprimentos agrícolas baixariam os custos, e com as facilidades de armazenagem e cooperativas de comércio, os fazendeiros receberiam uma maior porção dos lucros. Desta forma, os colonos poderiam, então, contribuir mais para a economia regional e nacional.

Em resumo, este autor sente que o futuro de Toledo requer muito mais ênfase na integração vertical e no aumento da dimensão das fazendas. Uma certa percentagem da população rural, talvez 20 a 25%, permanecerá nos estágios iniciais de pioneirismo devido à falta de dinheiro para melhorias. No entanto, quanto mais colonos adotarem moderna tecnologia, o padrão de vida se elevará substancialmente; e, em contraste com muitas áreas vizinhas no oeste do Paraná, o resultado será de uma economia bem integrada. Se, dentro do contexto nacional, Toledo tiver que ser julgada como um sucesso ou fracasso, certamente ela surgirá do lado positivo.

## 8 — BIBLIOGRAFIA

- 1 — ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro, IBGE. Conselho Nacional de Estatística, 1940-1960.
- 2 — BACKER, Charles Laurence. The lava field of the Paraná basin, South America. *Journal of Geology*, 31:66-79, 1923.
- 3 — BALDI, P. E. La colonizzazione del Brasile e l'opera della compagnia de Terras Norte do Paraná. *Rivista de Agricultura Subtropicale e Tropicale*, Firenze, 43(2-4):109-16, 1948.
- 4 — BARNES, C. P. Economies of the long-lot farms. *Geographical Review*, New York, (25):298-301, 1935.
- 5 — BUTLAND, G. J. Frontiers of settlements in Latin America. *Revista Geográfica*, (65):98-106, Dec. 1966.
- 6 — CAMBIAGHI, S. M. O povoamento do norte do Paraná. *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros*, São Paulo, 6(1):81-90, 1951-52.
- 7 — CHARDON, Roland E. Changes in the geographic distribution of population in Brazil, 1950-60. In: BAKLANOFF, Eric N., ed. *New Perspectives of Brazil*. Nashville, Vanderbilt University Press, 1966.
- 8 — LA COLONIZACIÓN agrária en Venezuela: 1830-1957. Caracas, República de Venezuela. Ministério de Agricultura. Dirección de Planificación Agropecuária. División de Política Agrícola, 1960. Resumen.
- 9 — DICKENSON, J. F. Brazil's census surprises. *The Geographical Magazine*, 44(1), Oct. 1971.
- 10 — DOZIER, Craig L. Northern Paraná, Brazil; an example of organized regional development. *Geographical Review*, New York, (66):318-33, 1956.
- 11 — ———. *Northern Paraná, Brazil; settlement and development of a recent frontier zone*. Dissertação — Johns Hopkins University, 1964. Inédito.
- 12 — EIDT, Robert C. Permanent settlements. In: UHLIG, Harald; LIENAU, Cay, eds. *Rural settlements*. Giessen, 1972.
- 13 — ———. *The climatology of South America*. Milwaukee, University of Wisconsin-Milwaukee, 1968. (Latin American Center Pamphlet Series, 5).
- 14 — ———. *Pionner settlement in Northeast Argentina*. Madison, The University of Wisconsin Press, 1971.
- 15 — ELFES, Alberto. *Estudos agro-econômico e social: Gualira, Toledo, Palotina, Nova Aurora, Santa Helena, Assis Chateaubriand, Terra Roxa do Oeste, Marechal Cândido Rondon e Formosa do Oeste*. Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário. Delegacia Regional do Paraná, 1970.
- 16 — GOMEZ, Mercedes Fermin. *The Orinoco Basin; a geographic unit*. Tese (doutorado) — Boston University, 1965. Inédito.
- 17 — LYNN SMITH, T. *Brazil; people and institutions*. Baton Rouge, Louisiana State University Press, 1963.
- 18 — ———. Notes on population and social organization in the central portion of the São Francisco Valley. *Inter-American Economic Affairs*, 1, 1957.
- 19 — MAACK, Reinhard. A modificação da paisagem natural pela colonização e suas conseqüências. *Boletim Paranaense de Geociências*, Curitiba, (2/3):29-48, jun. 1961.
- 20 — MONBEIG, Pierre. A zona pioneira do norte do Paraná. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, (25):11-17, 1945.
- 21 — MAPA do Município de Toledo; sistema viário. 1970.
- 22 — NICHOLLS, William H. The agricultural frontier in modern Brazilian history; the state of Paraná. In: MIDWEST ASSOCIATION FOR LATIN AMERICAN STUDIES. *Cultural change in Brazil*. Muncie, Ball State University, 1969.



- 23 — ———; PAIVA, Ruy Miller. The North of Paraná; Maringá. In: ———; ———. *Ninety-nine fazendas; the structure and productivity of Brazilian agriculture*. Nashville, Vanderbilt University, 1969.
- 24 — OBERG, Kalervo. *Toledo; um município da fronteira oeste do Paraná*. Rio de Janeiro, Serviço Social Rural, 1960.
- 25 — PENTEADO, Antonio Rocha. *Problemas da colonização e do uso da terra na Região Bragançina do Estado do Pará*. Lisboa, Sociedade de Geografia, 1968.
- 26 — PREFEITURA MUNICIPAL DE TOLEDO. *Plano integrado de reforma e o desenvolvimento agropecuário do Município de Toledo*. 1970.
- 27 — ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. trad. Emery Ruas. Porto Alegre, Globo, 1969.
- 28 — ROTHWELL, Stuart Clork. *The old Italian colonial zone of Rio Grande do Sul, Brazil*. Porto Alegre, 1959.
- 29 — SIMÕES, Ruth Mattos Almeida. Notas sobre o clima do Estado do Paraná. *Revista Brasileira de Geografia*, 16(1), jan./mar. 154.
- 30 — SOUZA, Odilon Rodrigues de. *A legislação rural brasileira e o ICM*. Rio de Janeiro, INDA, 1968. 2 v.
- 31 — STRACHAN, Leoyd W. *Changes in the nature and availability of economic opportunities in a recently settled area; north Paraná, Brasil*. Inédito.